

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETRAS**

**ENSINO DE CRÔNICAS, COM TRABALHADORES
PERSONAGENS, AUXILIADO PELA
INFORMÁTICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL

Mestranda: Dulcinéia Lírio Caldeira

Orientador: Professor Doutor Antônio Augusto Moreira De Faria

Belo Horizonte
2015

DULCINÉIA LÍRIO CALDEIRA

**ENSINO DE CRÔNICAS, COM TRABALHADORES
PERSONAGENS, AUXILIADO PELA
INFORMÁTICA**

Trabalho de conclusão final apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como um dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: "Linguagens e Letramentos"

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me permitido experiência tão importante quanto urgente para minha atuação como pessoa e educadora.

Ao Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria, pela orientação deste trabalho, sempre atento e criterioso.

À minha família pelo apoio incondicional, especialmente, Tamara Regina Caldeira Moraes, e meu marido, pela enorme disponibilidade e apoio.

Aos professores e colegas do Profletras com os quais convivi e aprendi muito.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos.

“A capacidade de compreender textos com autonomia é indispensável para acompanhar os constantes e rápidos avanços do conhecimento, sem o que não há possibilidade de exercício competente da profissão; a de produzir textos é condição necessária para quem deseja ter participação ativa nas diversas esferas de atividade da vida em sociedade.”

(Platão & Fiorin – *Lições de texto*. 5ª ed. São Paulo: Ática, .2006, p.5.)

RESUMO

Este projeto de intervenção tem como objetivo desenvolver o ensino do gênero textual crônica, a partir de crônicas que apresentam trabalhadores como personagens protagonistas e serão estudadas com auxílio da informática. O projeto foi aplicado em 2014 e 2015, no Centro Educacional de João Monlevade (CEJM), escola pública municipal, aos alunos de 7º ano do ensino fundamental. A escolha do gênero textual crônica deve-se a sua característica linguística de apresentar fatos quotidianos e comentários a respeito, muitas vezes de forma coloquial. Por outro lado, a temática das relações entre trabalhador e empregador, apesar de sua relevância na vida humana, ainda não ocupa o devido espaço nas atividades docentes quanto ao ensino dos gêneros textuais. As relações de trabalho, que também serão temática das disciplinas Geografia (aspectos geoeconômicos e mercadológicos que envolvem tais relações) e História (História do Trabalho) no CEJM, estão entre os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O gênero textual em questão será estudado a partir de crônicas de Rubem Braga (“Luto da família Silva” e “O padeiro”), Lima Barreto (“A greve da Cantareira”) e Vinícius de Moraes (“Operários em construção”). O estudo foi desenvolvido em parte nas salas de aula e em parte no Laboratório de Informática, que disponibiliza microcomputadores para os alunos, dentro do programa federal UCA (Um Computador por Aluno). O projeto também explorou relações intertextuais das crônicas estudadas com o *site* do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade (www.sindmonmetal.com.br). Após o estudo intertextual e interdisciplinar do gênero crônica, os alunos passaram à produção de suas próprias crônicas e textos de outros gêneros, que foram ilustradas e apresentadas em *e-book* à comunidade escolar e ao Sindicato dos Metalúrgicos.

Palavras-chave e/ou descritores: Crônicas. Trabalhadores personagens. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This intervention project has as its main objective to develop the teaching of textual genre chronicle, with the support of data processing, wherein the selected chronicles present formal workers as protagonists. The project was applied along 2014 and 2015, in Centro Educacional de João Monlevade (CEJM), municipal public school, for the students of 7th fundamental grade. Textual genre chronicle has been chosen because of its linguistic feature of presenting everyday facts with colloquial comments about them. On the other hand, the relationship between employers and workers, besides its relevance in human life, is still not properly valued among textual genre teaching activities. Labor relations, that were the theme for Geography (economy and marketing aspects) and History (history of work) disciplines in CEJM, are among the transversal themes of National Curriculum Guidelines. The present textual genre was studied from chronicles of Rubem Braga (“Luto da família Silva” and “O padeiro”), Lima Barreto (“A greve da Cantareira”) and Vinícius de Moraes (“Operários em construção”). The study was developed in the classrooms as well as in the computer lab, that offers microcomputers for the students, in the program of the federal government UCA – Um Computador por Aluno. This intervention project explored the intertextual relations with the website of the Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade (www.sindmonmetal.com.br). After the intertextual and interdisciplinary study of this textual genre, the students were able to write their own texts illustrated and presented in an e-book to the school community and to the trade-union.

Keywords and/or descriptors: Chronicles. Characters workers. Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos no laboratório de informática do CEJM	32
Figura 2 - Auxílio no desenvolvimento do projeto no laboratório de informática	33
Figura 3 - Visita ao Sindicato dos Metalúrgicos feita em Março/15.....	44
Figura 4 - Projeto de trabalho reuniu sindicalistas e adolescentes para discutir as relações de trabalho	44
Figura 5 - A greve da Cantareira, de Lima Barreto.....	64
Figura 6 - A greve da Cantareira, de Lima Barreto.....	65
Figura 7 - Lançamento do e-book no Sindicato dos Metalúrgicos, em 23/06/15.	119
Figura 8 - Professora e alunos no dia do lançamento do e-book.	119
Figura 9 - Lançamento do e-book feito no CEJM.....	120
Figura 10 - Matéria jornalística publicada no jornal regional “A Notícia”, em 24/07/2015.	121

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEJM – Centro Educacional de João Monlevade

CSBM – Companhia Siderúrgica Belgo Mineira

FALE – Faculdade de Letras

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério de Educação e Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

UCA – Um Computador Por Aluno

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. JUSTIFICATIVA.....	17
3. OBJETIVOS	20
3.1 Objetivos gerais	20
3.2 Objetivos específicos.....	20
4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	21
4.1 Noções teóricas.....	21
4.2 Por que ensinar o gênero <i>crônica</i>	23
4.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e os temas transversais	24
4.4 O tema transversal “Trabalho e Consumo” inserido na educação .	27
4.5 A importância do letramento digital	29
5. A APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA: PREPARAÇÃO	32
5.1 Preparativos iniciais com professores e pedagogos.....	33
5.2 Atividades preparatórias desenvolvidas com os/as estudantes	35
6. APLICAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA: DESENVOLVIMENTO.....	49
6.1 Primeira oficina	49
6.1.1 Primeira etapa de atividades	49
6.1.2 Segunda etapa de atividades	53
6.2 Segunda oficina.....	56
6.2.1 Primeira etapa de atividades	56
6.2.2 Segunda etapa de atividades	62
6.2.3 Terceira etapa de atividades	66

6.2.4	Observações sobre as primeiras oficinas.....	67
6.2.5	Produção do primeiro texto	69
6.3	Terceira Oficina	71
6.3.1	Primeira etapa de atividades	712
6.3.2	Segunda etapa de atividades	875
6.4	Quarta oficina	876
6.4.1	Primeira etapa de atividades	886
6.4.2	Segunda etapa de atividades	1148
7.	CONCLUSÕES	115
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	Erro! Indicador não definido.19

1. INTRODUÇÃO

Farei uma breve apresentação de minha vida acadêmica e profissional mais recente e relevante. Graduei-me na UFMG em 1989 e imediatamente comecei a lecionar na Escola Estadual Ordem e Progresso e no Colégio Promove, em Belo Horizonte. Em 1991, regressei a minha cidade natal, João Monlevade, após ser aprovada em concurso público municipal. Comecei a trabalhar então na escola de ensino fundamental – Centro Educacional de João Monlevade (CEJM) – de onde apenas me afastei de 1997 a 2000, a fim de exercer os cargos comissionados de Secretária Municipal de Trabalho Social e diretora da Fundação Municipal Crê-Ser, em João Monlevade.

De julho de 1992 a janeiro de 1994, cursei Especialização em Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Viçosa. De 1994 a 2003 lecionei na Faculdade de Letras da Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade (FUNCEC). Em julho de 1994, iniciei a Especialização em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, finalizando-a em janeiro de 1996.

Trabalhei como professora em outra escola particular, Kennedy, de janeiro de 1993 a dezembro de 1996, de onde saí para exercer os cargos comissionados que mencionei.

Além do CEJM, trabalho também na Escola Estadual Alberto Pereira Lima (desde julho de 2002 como professora efetiva), onde também permaneço como professora do ensino médio. Afastei-me de janeiro de 2009 a dezembro de 2012, para cumprir mandato eletivo como vereadora da Câmara Municipal de João Monlevade, bem como de 02 de janeiro de 2014 a 31 de julho de 2015 para cursar o Mestrado Profissional em Letras, na UFMG.

Em agosto de 2013, iniciei o Mestrado Profissional, concretização de um sonho antigo. Eu desejava não só um curso que me permitisse atualizar conhecimentos e melhorar a prática pedagógica, o que sempre busquei por meio da leitura de vários livros ou frequentando outros cursos, mas que me capacitasse a ser uma pesquisadora de fato. Paulo Freire (2007) afirma que não existe ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino, e que nossa educação radica num constante movimento de busca. É ainda mais contundente ao dizer que professor que não estuda não tem força moral de

coordenar sua sala de aula. E Luiz Marcuschi (2002) diz que pesquisar é uma tentativa incessante e sempre provisória de explicar o mundo.

Já no início do curso, soubemos da necessidade de elaborar um projeto de intervenção, a ser apresentado à banca examinadora e só depois ser aplicado em sala de aula de ensino fundamental da rede pública. Deveria ser um projeto que nos permitisse intervir em um problema localizado que tentaríamos solucionar a partir do projeto. Precisaríamos discuti-lo com a equipe pedagógica de nossa escola e com o orientador no Mestrado Profissional, para juntos planejarmos sua execução. Assim o fiz.

Após ler parte das referências indicadas pelos professores do Profletras e realizar os trabalhos propostos, bem como reler o projeto político pedagógico do CEJM, percebi a necessidade de ensinar os gêneros textuais de forma mais sistemática. Entendi que ensinar Língua Portuguesa inclui ensinar os gêneros, ou seja, ensinar usos orais e escritos da língua. Segundo Mikhail Bakhtin (1992), as diversas esferas da atividade humana estão relacionadas de forma indissolúvel ao uso da linguagem, aos gêneros. Magda Soares (1998) esclarece que não nos basta saber ler e escrever, mas utilizar a leitura e a escrita nas diversas práticas sociais em que estamos envolvidos. Irandé Antunes (2003) fala-nos do desafio de nós, professores, estimularmos o desenvolvimento pessoal, social e político de nossos alunos, pela ampliação gradativa de suas potencialidades comunicativas. Para isto é fundamental que vejamos o texto não só como objeto de uso, mas como objeto de ensino. Só assim nossos alunos irão escrever textos adequados e relevantes. O professor precisa pesquisar, observar, levantar hipóteses, analisar, refletir, descobrir, redescobrir, revisar, aprender e reaprender com os alunos. Descobrir os possíveis sentidos para o texto é uma função da maior relevância a ser exercida nas aulas de português. Ainda segundo Antunes (2003, p.110) “Este objeto - o texto – é que vai condicionar a escolha dos itens, a escolha com que os abordamos e a escolha das atividades pedagógicas.”.

Ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais fluente de leitura, escrita, fala e escuta é um grande objetivo a ser alcançado no processo de ensino e aprendizagem do português. Com leitura compreendemos a construção de sentido a partir da interação sujeitos-texto. Para Ingedore Koch e Vanda Elias (2009, p.11) “A leitura é, pois, uma atividade

altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.”

Luiz Marcuschi (2009) também afirma que a interpretação dos enunciados é sempre consequência de um trabalho colaborativo que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte e não uma retirada de informações objetivas.

O objeto de estudo e ensino da língua é o texto, “o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem nas diferentes funções sociais que ele assume” Dell’Isola (2013, p.35). Para Marcuschi (2009), o texto é um processo e acha-se em constante elaboração, realizada pelos seus leitores como uma proposta de sentido.

O aluno deve ser levado a planejar, escrever e depois revisar para reformular seu texto quando necessário. Espera-se que o aluno desenvolva competências linguísticas. Toda esta prática é que irá aumentar a competência comunicativa do aluno, objetivo último do ensino do português.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN) definem como objetivo do ensino de Português o desenvolvimento da proficiência oral e escrita do aluno e sua inserção qualificada no mundo da escrita. Desta forma, todo projeto deve ser pensado em função de um problema, uma necessidade real.

Para subsidiar o planejamento mais direcionado dos trabalhos com o gênero crônica, os alunos participaram de uma atividade preliminar cujo principal objetivo foi verificar seus conhecimentos prévios sobre o gênero. Partimos de uma conversa informal e pedimos aos alunos que registrassem em uma folha em branco o que sabiam a respeito do gênero em questão, bem como seus questionamentos a respeito, sem que precisassem se identificar caso não o quisessem. Como resultado, percebemos que, muito embora a crônica não fosse estranha aos discentes, a grande maioria deles não era capaz de caracterizá-la linguisticamente. Conversamos sobre o resultado com a equipe pedagógica, que nos reafirmou a necessidade do projeto a fim de não

só sanarmos as dúvidas quanto ao referido gênero, como de o ensinarmos tendo em vista, inclusive, sua produção textual.

Em conformidade com meu orientador no Profletras, sugeri que o ensino do gênero em questão incorporasse o tema “Relações de Trabalho: Trabalhador e Empregador”, presente em crônicas de Rubem Braga (“Luto da família Silva” e “O padeiro”), Vinicius de Moraes (“Operários em construção”) e Lima Barreto (“A greve da Cantareira”).

Nestas crônicas vimos os personagens protagonistas trabalhadores serem preteridos, sem nenhuma forma de reconhecimento ou valorização de sua explorada mão de obra. A escolha das crônicas deve-se ao fato de narrarem histórias da vida dos trabalhadores, invisíveis para a maioria das pessoas, apesar de imprescindíveis a todos nós.

Até hoje, o conteúdo transversal “Trabalho e Consumo”, previsto nos PCN é pouco utilizado na escola, apesar de ela fazer parte do entorno do Sindicato dos Metalúrgicos, conhecido em Minas Gerais por suas lutas em favor dos trabalhadores da principal indústria localizada em João Monlevade: a antiga Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, atual Arcelor Mittal. Os demais conteúdos transversais - Sexualidade, Diversidade Cultural, Meio Ambiente e Saúde, igualmente importantes - são mais desenvolvidos nas disciplinas afins ou de forma interdisciplinar em nossa escola.

Por outro lado, a importância atual que as novas tecnologias assumem tanto para professores como para alunos é inquestionável. Cada dia mais pessoas aderem a elas como lazer e como trabalho, apesar de muitos ainda resistirem, inclusive professores. O UCA (Um Computador por Aluno) é um programa do governo federal que consiste na entrega de computadores portáteis às escolas públicas para uso dos alunos. No meu projeto de intervenção foi utilizado o Laboratório de Informática, pelos professores de Informática, Geografia, História e Português.

2. JUSTIFICATIVA

Este projeto tem como objetivo apresentar estratégias para ensino do gênero textual *crônica*, com auxílio da informática. O projeto em questão foi aplicado no primeiro semestre de 2015, na Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental - Centro Educacional de João Monlevade/MG (CEJM), em uma turma de sétimo ano, cujos alunos têm, em sua maioria, computador em casa.

Vale ressaltar que João Monlevade/MG é uma cidade com aproximadamente 74 mil habitantes, fundada onde havia vivido um francês, Jean Félix Dissendes de Monlevade, que chegou ao lugar em 1817, seduzido pelas riquezas minerais de nosso estado. Em 1818, ele instalou uma fábrica de ferro, que em 1935, após passar por várias transformações, deu início à Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (CSBM), atual Arcelor Mittal. João Monlevade é conhecida pelo forte movimento sindical dos trabalhadores metalúrgicos. Nossos alunos do CEJM são filhos de trabalhadores, muitos dos quais da Arcelor Mittal, uma das maiores produtoras mundiais de aço. A relação de trabalho estabelecida há décadas com os trabalhadores tem gerado, entre outros aspectos, greves históricas ao longo dos anos.

Atribui-se à abundância de minério de ferro no solo monlevadense a origem da localidade, no século XIX. A instalação de uma companhia siderúrgica determinou a vocação econômica da cidade, com reflexos no trabalho executado por grande parte dos cidadãos. A vocação operária dos trabalhadores e o vínculo da cidade com a indústria siderúrgica ressaem até mesmo do hino municipal: “do trabalho, vontade e bravura/ deu-se início a uma bela história/ de cidade, de gente e cultura/que aos poucos conquista a sua glória/ uma forja, uma chama e então o aço/ força negra, para um grande porvir/ da labuta não importa o cansaço/ pois a meta é crescer, construir”. Isso, aliado ao vínculo direto ou indireto, que muitos dos familiares dos alunos têm com a empresa siderúrgica, permite inferir que o tema trabalho esteja presente em suas vidas fora da escola.

Esse quadro contextual converge para a pertinência de propor na escola discussões sobre o tema trabalho e motivar os alunos a buscarem conhecer, refletir e perceber como o trabalho e as condições de trabalho influenciam o cotidiano das pessoas em sua comunidade e na sociedade globalizada, e em

que medida os aspectos observados interferem no relacionamento entre os cidadãos.

Por conta de toda esta realidade, achamos por bem definir como tema do projeto de intervenção as relações entre trabalhador e empregador, em textos que têm personagens trabalhadores. A escolha do gênero textual crônica deve-se a sua característica linguística de apresentar fatos quotidianos e comentários a respeito, muitas vezes de forma coloquial, como se fosse uma conversa entre dois amigos. L. Fávero (2011, p.215) afirma: “Elementos das modalidades falada e escrita convivem na crônica, criam um efeito de realidade e atualidade e vão constituindo sua textualidade.” Acreditamos que tais características estejam mais próximas do universo adolescente, quase sempre tão afeito à informalidade quanto à coloquialidade.

Nosso público alvo encontra-se muito próximo a esta realidade pelo fato do Sindimon/Metal - Sindicato dos Metalúrgicos fazer parte do entorno da escola, portanto da comunidade escolar. Além disto, a procura por crônicas na biblioteca do CEJM é relativamente alta, o que nos faz crer que os alunos as leem com razoável frequência. Talvez este quadro possa também favorecer o aprendizado, aliado a uma característica do gênero textual em estudo: ser geralmente curto, o que tende a seduzir o leitor em formação.

Outro fator de proximidade ao universo adolescente, embora não fique reduzido a ele, é a informática, com auxílio da qual o projeto será desenvolvido. Sabemos que a cada dia mais pessoas, independentemente da idade, aderem às novas tecnologias com finalidade de entretenimento ou trabalho, sendo um dos mercados que mais crescem no mundo. A sociedade precisa de profissionais com conhecimento tecnológico. Eles estão movimentando a economia e como consequência o mercado profissional, fazendo gerar mais empregos. A internet tem possibilitado que muitos jovens com boas ideias se autossustentem, e a escola não pode ignorar isto. Na verdade, deve favorecer também este aprendizado, orientando-o para seu uso ético e com fins úteis à sociedade.

Nesta linha de pensamento, propomos um trabalho que explore relações intertextuais com o *site* do Sindicato dos Metalúrgicos (www.sindmonmetal.com.br), que conta a história das relações de trabalho entre os trabalhadores metalúrgicos e a empregadora Arcelor Mittal. E que

apresenta também os conflitos que geraram greves históricas; e apresenta ainda relatos de sindicalistas, diretores e ex-diretores do sindicato, bem como a atuação sindical nos dias de hoje. Este acervo subsidiou as informações necessárias à compreensão das relações de produção mantidas entre a Arcelor Mittal e os trabalhadores metalúrgicos. O *site* mencionado foi também utilizado pelas disciplinas de Informática, Língua Portuguesa, Geografia e História, no laboratório de informática, como fonte de pesquisa sobre o tema aqui tratado, para suas respectivas atividades afins. Em História os alunos aprenderam sobre a História do Trabalho; em Geografia, as questões geoeconômicas e mercadológicas que envolvem as relações de trabalho. Literatura também deu apoio à Língua Portuguesa quanto ao ensino do gênero em estudo. E Informática forneceu a infraestrutura técnica a todas as disciplinas.

Acionamos alguns pais trabalhadores para uma conversa informal entre eles e os alunos, na escola, onde tratamos do tema em questão. O planejamento desta atividade ficou a cargo dos alunos, orientados pela professora.

Depois de ler e analisar crônicas de Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Lima Barreto, os alunos escreveram seus próprios textos e os ilustraram de acordo com suas aptidões. As produções finais, devidamente ilustradas, foram apresentadas em um e-book dirigido à comunidade escolar e também publicado no *site* do sindicato, conforme acordo com a entidade.

Nossa hipótese inicial era que após a interação com o material jornalístico do *site* www.sindmonmetal.com.br e com o material literário (crônicas analisadas) nosso aluno estaria apto a aprender o gênero textual em questão.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivos gerais

- Ensinar aos alunos de uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental do CEJM o gênero textual *crônica*, com auxílio da informática;
- Fomentar a pesquisa realizada tanto por professores de Português, Geografia, História e Informática como pelos alunos, sobre o tema abordado: relações entre trabalhador e empregador;
- Desenvolver a formação cidadã dos alunos por meio da interação com o conhecimento da realidade local e nacional.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar crônicas cujos personagens protagonistas sejam trabalhadores;
- Analisar a estrutura linguística do gênero textual crônica, a partir das crônicas apresentadas;
- Lançar um *e-book* com crônicas e outros gêneros textuais, com ilustrações produzidas e selecionadas pelos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

4.1 Noções teóricas

A crônica, gênero jornalístico e, com frequência, literário, será ensinada a partir de crônicas de Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Lima Barreto, em um estudo interdisciplinar com a disciplina Informática, dentro do programa federal UCA (Um Computador por Aluno).

Para A. Coutinho (2004, p.117-143) a crônica tem como principal característica linguística a relação entre o(s) fato(s) apresentado(s) e o(s) comentário(s) realizado(s). A crônica, ainda de acordo com este autor, apresenta linguagem coloquial.

L. Fávero (2011, p.214) afirma que na crônica “há a opção pelo coloquialismo que atrai o leitor, com a intenção de divertir, informar, ilustrar”. E na opinião de A. Candido (1992, p.13-14) a crônica elabora uma linguagem mais próxima ao nosso jeito de ser mais natural. Acreditamos que tais características linguísticas tendem a aumentar o interesse dos alunos por sua leitura.

A respeito da importância do trabalho humano e dos trabalhadores como personagens principais em textos e discursos, temos a dizer que é de praxe quase todos os discursos em circulação privilegiarem os discursos daqueles que detêm o poder político, econômico e/ou social, em detrimento ao trabalhador, que só dispõe da força de trabalho. A hegemonia ditada pelo sistema capitalista vigente que se sustenta por meio do histórico embate entre o capital e o trabalho privilegia quase sempre os textos e discursos que reproduzem sua ideologia dominante.

Um texto é produzido sempre a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Argumentar sobre os assuntos que nos cercam e por isso nos dizem respeito é uma capacidade relevante para o exercício da cidadania, que toda escola precisa enfatizar. Por meio da análise das formas de convencimento empregadas nos textos, das percepções das orientações argumentativas que sugerem, da identificação dos preconceitos

que possam veicular no tratamento de questões sociais, os professores devem fazer as proposições necessárias a fim de melhor orientar seus alunos. Esta concepção leva a formas de participação social e propostas de ensino dos diferentes usos da linguagem. Elas podem desenvolver a capacidade construtiva e transformadora de situações reais, através de intervenções interativas a partir da própria escola.

É fundamental levar o aluno a perceber as funções sociais do seu texto, assim como que ações de linguagem realiza com o texto. M. Soares (1993) esclarece-nos quando afirma que o estudo das relações entre linguagem e classes sociais têm de estar presentes numa escola que se pretende transformadora porque luta contra as desigualdades sociais e econômicas.

Da mesma forma, é também fundamental o aluno “saber que” o texto não traz todas as informações necessárias á construção de sentido, nem isso seria possível, mas traz muitas marcas linguísticas a partir das quais o leitor construirá o sentido. No entanto, é preciso enfatizar a necessidade de que o significado seja sustentado pelo texto e pela situação em que ele foi produzido. Do contrário, provavelmente esse será um caso de leitura errada, ou seja, será uma interpretação não sustentada pelo texto.” (COSCARELLI, 2012, p.35).

As relações entre linguagem e ideologia são intrínsecas, uma vez que uma não existe sem a outra. Segundo J. L. Fiorin (2011, p. 56) “A atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo”. Dessa forma, o discurso é uma forma de atuação sobre o outro e sempre se modifica, uma vez que o mundo sobre o qual ele age sempre se altera.

O PCN (MEC, 1998, p. 23) define competência linguística: “saberes que o falante/intérprete possui sobre a língua de sua comunidade e utiliza para construção das expressões que compõem os seus textos, orais e escritos, formais ou informais, independentemente de norma padrão, escolar ou culta.” Todos os saberes precisam ser revistos a todo momento, e isto só acontece por meio da linguagem.

A competência linguística inclui reconhecer que o texto é um conjunto de relações significativas produzido por um ser humano marcado por suas vivências sociopolíticas e culturais. Inclui também saber que o enunciador deseja influenciar o enunciatário quanto a seu ponto de vista, sua ideologia.

Todo texto tem pelo menos um propósito comunicativo, que precisa ser decifrado pelo leitor criterioso.

O leitor é bem mais que um espectador, já que também faz escolhas e toma decisões a fim de dar sentido àquilo que lê. “A capacidade de perceber o todo com base nas partes, de construir relações globais a partir de pistas locais, exige grande capacidade de abstração do leitor” (DELL’ISOLA, 2013, p.83). Conhecer este processo desenvolve a reflexão do aluno sobre a linguagem, sempre dialógica, e concorre para autonomia dele.

No presente projeto de intervenção, o aluno ora será leitor, ou seja, coautor, ora será autor, quando produzir suas próprias crônicas e outros textos, o que está previsto no PCN (1998, p. 23). I. Antunes (2003, p.44-5) diz-nos que “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo”. Ainda de acordo com esta autora, a escrita escolar deve acontecer com o objetivo de, por meio dela, se estabelecerem “vínculos comunicativos” (ANTUNES, 2003, p. 62).

Assim pretendemos ensinar o uso social do gênero textual crônica tendo em vista os eventuais leitores. Esperamos que os textos produzidos estejam adequados à situação, às “regras sociais” (ANTUNES, 2003, p. 64) em que se insere o evento comunicativo em questão.

Acreditamos que a compreensão e a produção de texto são os principais aspectos do processo de ensino/aprendizagem da língua materna, como atividade sociointerativa, histórica e cognitiva.

Isto envolve muito trabalho discursivo de todos os envolvidos. Cabe ao professor ser o mediador que aprecia, sugere, questiona o texto de seus alunos para lhes apontar perspectivas, caminhos.

4.2 Por que ensinar o gênero *crônica*

O PCN (MEC, 1998, p.21) propõe tanto a reflexão sobre o uso da língua quanto o aperfeiçoamento da leitura e da escrita por meio do ensino de vários gêneros das práticas sociais. No caso em questão, o tema “trabalho”

está presente em crônicas de Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Lima Barreto, assim como no site do Sindicato dos Metalúrgicos, que conta a história dos trabalhadores monlevadenses da Arcelor Mittal em forma de entrevistas, notícias, imagens e memórias. Por isto, acreditamos que o ensino de tal gênero jornalístico possa também contribuir para a formação dos alunos do 7º ano do CEJM, cujas famílias estabelecem ou estabeleceram alguma forma de vínculo com a citada empresa. João Monlevade cresceu em torno da Arcelor Mittal, e os alunos precisam conhecer a história de nossa cidade para poderem intervir nela de maneira a refletir sobre informações a respeito tanto da cidade quanto da empresa e desenvolver uma atuação mais consciente a partir disto.

O compromisso do educador é com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades, tanto de reflexão sobre a linguagem quanto de uso criterioso da língua. Todo uso que fazemos da língua se vale de um sistema linguístico que não se esgota nas formas linguísticas que mobiliza. “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva.” PCN (MEC, 1998, p.23).

Assim, entendemos que ensinar o gênero crônica, inicialmente por meio das crônicas de Rubem Braga “Luto da família Silva” e “O Padeiro”; “Operários em construção”, de Vinicius de Moraes; e “A greve da Cantareira” de Lima Barreto abriu caminho para o estudo da realidade local e nacional por meio da intertextualidade com o site www.sindmonmetal.com.br. Como uma das consequências, a produção textual, após o estudo deste material, ocorreu de forma mais efetiva, assim como lúdica e prazerosa.

4.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e os temas transversais

João Monlevade é uma cidade conhecida por sua histórica trajetória das lutas sindicais do movimento metalúrgico, nas quais surgiram lideranças que ainda hoje influenciam seu cotidiano. Grande parte de nossos alunos são filhos de operários da Arcelor Mittal, a quem são endereçadas as reivindicações do Sindicato dos Metalúrgicos, maior sindicato regional. Portanto enfocaremos o tema do trabalho por ser relevante e por envolver os alunos no entendimento

da realidade onde vivem, bem como por nos permitir um trabalho interdisciplinar amplo.

Não há como ensinar sem conhecer o entorno onde o aluno está inserido. Da mesma forma, também perguntamos: como educar sem lançar mão das leis educacionais que podem favorecer uma amplitude maior de nosso trabalho no que tange à inclusão de temas afins relacionados a nossa vivência e à de nossos alunos?

A educação brasileira tem, desde 1996, os documentos de uma nova legislação. No período de 1995 a 1998, o MEC elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais que, vinculados à nova LDB-9394, visam estabelecer diretrizes para o currículo do Ensino Fundamental e Médio, servir como referência nacional para a prática educacional.

Os temas transversais (Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo) fazem parte do segundo grupo nos PCNs (MEC 1998, p.40) e têm como eixo uso-reflexão-uso das linguagens. São conteúdos das áreas os modos como, por meio da palavra, a sociedade vem construindo suas representações a respeito do mundo e tudo o que o envolve, já que não podemos separar o plano dos conteúdos do plano das expressões. Tratam de questões contemporâneas que dizem respeito ao exercício da cidadania e oferecem inúmeras possibilidades para reflexões pontuais acerca de questões que normalmente não são suficientemente discutidas em salas de aula, bem como possibilitam um trabalho integrado com várias disciplinas.

Os PCNs (MEC, 1998, p.49-50) estabelecem, entre outros quesitos no processo de compreensão de textos, que o aluno:

- Amplie a capacidade de reconhecer a intencionalidade do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas no seu discurso;
- Leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade;
- Seja receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor.

Um dos objetivos do Ensino Fundamental (MEC, 1998, p.8) é questionar a realidade formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. Ao longo dos nove anos, o aluno deve desenvolver habilidades como ser capaz de identificar e analisar os usos da língua enquanto instrumento de divulgação de valores e preconceitos de etnia, gênero, credo ou classe.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino da Língua Portuguesa propõem, como expectativas a serem alcançadas nos nove anos do ensino fundamental, que os alunos “adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado” (BRASIL, 2000, p. 33). O planejamento, a implementação e o direcionamento de atividades didáticas que desencadeiem, apoiem, e orientem o esforço de ação e reflexão do aluno (*idem*, p. 25) ocorrem com o emprego de diversidade de textos, orais e escritos, para permitir que o aluno acesse situações comunicativas coerentes com as diversas práticas sociais. Nesse sentido, o texto é tomado como unidade de ensino, e o texto literário, incorporado ao cotidiano da sala de aula, propicia o contato com essa forma específica de composição do conhecimento.

Tudo isto nos leva a crer que os PCNs realmente preceituam o exercício criterioso de toda prática de linguagem e veem também nos temas transversais mais uma oportunidade de fazê-lo. Estes temas não são áreas, mas devem fazer parte delas e do trabalho educativo, atravessando as diferentes áreas de estudo e convívio escolar, e sendo flexíveis quanto aos conteúdos a serem ministrados, uma vez que devem atender também à realidade local.

L.Tiriba (2004, p. 90) afirma: “A cidade, a rua e a própria vida tornam-se escola(s) do trabalho. Não por casualidade, valorizamos tanto o conhecimento tácito dos que pegam pesado na labuta.” Portanto devemos ultrapassar os muros da escola, ir além das salas de aula, assim como fazer o caminho inverso de trazer o que há fora para dentro delas.

4.4 O tema transversal “Trabalho e Consumo” inserido na educação

O tema transversal “Trabalho e Consumo”, objeto de nosso estudo, foi também escolhido porque sabemos que todos têm igual direito ao trabalho e ao consumo. Contudo isso ainda não ocorre, por causa das extremas desigualdades sociais existentes no país que ainda ostenta uma das piores distribuições de renda, apesar de ser a sétima economia do mundo. A proposta dos PCNs elegeu esse tema entre os prioritários na escola. O que se pretende é que os alunos saibam como se realiza a organização do trabalho e do consumo em âmbito local, nacional e mundial. Que compreendam a complexa rede de direitos e valores a eles vinculados e desenvolvam uma atitude crítica perante o mundo e a si mesmos, a fim de prepará-los para sua inclusão no mundo do trabalho.

A interdisciplinaridade e a transversalidade se completam nessa proposta com a premissa de abordar o conhecimento como algo ativo, inacabado, passível de transformação por ser vinculado às questões sociais. Ambas são princípios teóricos dos quais decorrem várias consequências práticas.

Cabe à escola o papel de discutir com os alunos – futuros integrantes do mercado profissional – as relações de trabalho, para que eles compreendam sua dimensão histórica e comparem diferentes modalidades de trabalho, como o comunitário, o assalariado, o formal, o informal, o escravo e outros, nos espaços urbano e rural. É fundamental também que reflitam acerca das relações que deles advêm, muitas vezes envolvendo discriminações e injustiças. Saber de seus direitos e responsabilidades identificando problemas em meio às entidades democráticas afins como sindicatos que lutam pelos direitos civis, políticos e sociais dos trabalhadores é também fomentar a inclusão social por meio da formação da cidadania. É imprescindível verificar como os lugares e paisagens são criados e transformados por intervenção do trabalho e consumo humanos. Igualmente importante é identificar diferentes processos tecnológicos empregados nas atividades e analisar seu impacto no trabalho, no consumo e na saúde, pela amplitude e inter-relação dos conceitos referidos.

Acreditamos que tal magnitude não seja suficientemente desenvolvida na maioria das escolas de Ensino Fundamental, a julgar pela ênfase que geralmente dão aos demais temas transversais, igualmente importantes, dos quais sempre ouvimos falar nos projetos publicados nas revistas, livros, palestras, seminários e congressos de Educação.

Por que será que isto acontece? Como não tratar de assunto tão relevante quanto atual e inadiável como princípio educativo (A.Gramsci,1982), a fim de não só conhecer mas também aprofundar os conhecimentos sobre as relações que o trabalho envolve, para preparar de fato os jovens para uma atuação consciente e transformadora no mercado de trabalho ainda tão competitivo e excludente? A questão é muito ampla para ser respondida neste projeto. Pretendemos apenas apresentar uma proposta de projeto de intervenção em tal realidade.

Desta forma, compreendemos que a lógica das propostas político-pedagógicas, bem como dos projetos a serem desenvolvidos nas escolas, precisa contemplar os temas transversais propostos pelos PCNs. É fundamental que abarque também a realidade local e pense o sujeito maior da Educação, nosso aluno, como um agente transformador a quem precisamos ensinar de fato a exercer a tão propalada criticidade por meio de todas as formas e gêneros de que possamos dispor.

Especificamente sobre o nosso tema transversal em estudo, pretendemos iniciá-lo com a História do Trabalho, que coincide com a história do desenvolvimento do homem. Segundo L. Konder (2000, p.112) “toda sociedade vive porque consome e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educação. Não há sociedade sem trabalho e sem educação”.

O trabalho como princípio educativo de acordo com A. Gramsci (1982) não se confunde com técnicas didáticas ou metodológicas no processo de aprendizagem, mas é um princípio ético-político que vem sendo incorporado como base da proposta pedagógica de alguns movimentos sociais desde a década de 1980. Em qualquer sociedade, o trabalho apresenta-se como elemento fundador do modo de produção e geração de riqueza fundamental para a formação do ser social. E a educação possui uma ligação direta com o

trabalho, na produção de conhecimento. A partir da transformação da natureza o homem também se constrói como sujeito de seu tempo histórico

É preciso explicitar as relações de trabalho nas relações sociais onde se produzem as necessidades, os desejos, os serviços e produtos. Isto irá valorizar as medidas que favoreçam uma melhor distribuição de renda produzida socialmente e, por conseguinte, uma melhor qualidade de vida para todos.

Entendemos que por tudo isto a escola não pode ignorar a importância do tema transversal em questão, para formar os sujeitos que lhe estão confiados. Furtar-se a tal responsabilidade é comprometer sobremaneira a qualidade da Educação.

4.5 A importância do letramento digital

A informática é uma realidade cada dia maior em nossas vidas. Precisamos não só acompanhar seu desenvolvimento, como também nos valer dela como um dos instrumentos pedagógicos de ensino e como uma das ferramentas para nos aproximarmos de nossos alunos, cada dia mais informatizados.

Nas sociedades em que, cada vez mais, as Tecnologias de Informação e Comunicação, TICs, propiciam e requerem novos suportes e ambientes para a realização da cultura escrita, seja ela para fins culturais, profissionais ou particulares, as comunidades escolares têm buscado estratégias para o aprimoramento das práticas que contribuam para o letramento digital, entendido como “a ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (C.COSCARRELLI; A.E.RIBEIRO, 2005, p. 9).

Em meio a tantas mudanças de paradigmas familiares, educacionais, políticos, enfim, sociais pelos quais estamos passando, devem fazer parte das reflexões sobre o trabalho do professor as maneiras pelas quais ele pode contribuir para que os alunos transitem em um mundo ainda fragmentado e tão diverso, constituindo-se em sujeitos ativos, não apenas espectadores dessas mudanças, nem sempre positivas, do ponto de vista ético. Estamos de acordo

com I. Snyder (2009), para quem o contexto atual acarreta responsabilidades adicionais para os professores.

Precisamos nos assegurar de que nossos alunos adquiram competência crítica para que compreendam o panorama do letramento contemporâneo e então possam participar efetivamente na vida após a escola e no trabalho como cidadãos formados e ativos (SNYDER, 2009, p. 33).

As responsabilidades dos professores, no que se refere ao letramento dos alunos na contemporaneidade, extrapolam o reconhecimento de que as TICs podem favorecer as atividades escolares. É necessário buscar perceber como esses recursos podem ser instrumentos para, além de manusear equipamentos ou ferramentas, mediar práticas de uso da linguagem nos tempos atuais.

Para isto, é salutar que haja interação constante e progressiva entre professores, alunos, família, comunidade escolar e a cidade, também por meio do uso da informática, bem mais próxima da nova geração, que nos tem ensinado muito a melhor manuseá-la. A velocidade com que os adolescentes se apropriam das tecnologias é vertiginosa. Não há como ignorar isto, principalmente os educadores que pretendem de fato ensinar algo a seus alunos que já aprendem tanto fora da escola. O uso da informática a serviço da educação amplia a interação necessária não só com nossos alunos, mas também com o restante do mundo, o que pode aumentar nossa influência sobre ambos e a de ambos sobre nós.

A escola como espaço primordial de letramento e responsável pelo processo ensino-aprendizagem deve utilizar-se dessa ferramenta e incorporá-la ao seu dia-a-dia pedagógico.

Os PCN (MEC, 1998, p.89) esclarecem-nos a respeito: “as novas tecnologias da informação cumprem cada vez mais o papel de mediar o que acontece no mundo, ‘editando a realidade’. A relação dos receptores com os meios não é unilateral, mas mediada pela inserção social do sujeito e suas estruturas cognitivas”.

Sabemos também que o uso da informática no ensino de produção de texto facilita esta modalidade, principalmente quando da refacção dos textos dos alunos, uma vez que dispensa a reescrita de todo o texto produzido.

O Centro Educacional de João Monlevade, CEJM, participa do programa federal Um Computador por Aluno (UCA), que consiste na adoção de tecnologia da informação e da comunicação pelas escolas da rede pública, que recebem computadores portáteis para uso dos alunos. No CEJM, os computadores ficam no Laboratório de Informática, onde desenvolvemos o presente projeto.

O letramento digital, tanto para professores como para alunos, tornou-se inadiável. Nós, professores, precisamos ficar atentos a fim de não nos tornarmos obsoletos, o que pode comprometer o relacionamento com nossos alunos e, como consequência, o processo ensino-aprendizagem.

5. A APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA: PREPARAÇÃO

Qualquer projeto pedagógico, para ser bem sucedido, precisa partir de um diagnóstico da realidade local, visando à resolução de algum problema levantado pela equipe de trabalho que compõe uma escola. Foi o que fizemos ao propor o projeto de intervenção em questão.



Figura 1 - Alunos no laboratório de informática do CEJM
Fonte: própria autora



Figura 2 - Auxílio no desenvolvimento do projeto no laboratório de informática
Fonte: própria autora

5.1 Preparativos iniciais com professores e pedagogos

Discutimos o projeto com a equipe pedagógica do CEJM, bem como com os professores de Português, Geografia, História e Informática. Todos foram unânimes em confirmar que a escola não trata o tema transversal “Trabalho e Consumo”, proposto pelo PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), da forma como deveria fazê-lo, não só por sua relevância, mas por estar vinculado direta e indissolúvelmente à história de nossa cidade e de sua emancipação.

Por meio da interdisciplinaridade envolvendo Português, Informática, Geografia e História, pretendíamos encaminhar os alunos do 7º ano do CEJM, durante aulas de Língua Portuguesa, ao Laboratório de Informática, onde ocorreria a maioria das aulas para o ensino do gênero crônica. Pretendíamos integrar as disciplinas acima mencionadas, cujos professores se disponibilizaram a também ensinar o tema proposto a partir da utilização do *site* do sindicato, adequando-o a seus respectivos planejamentos.

Tendo em vista as peculiaridades da comunidade escolar e do entorno físico da escola assim como a natureza das atividades de trabalho que predominam na região, as atividades compreenderiam, também, visitas ao *site* do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade. Esse espaço virtual funcionaria como uma das fontes de conhecimentos sobre os aspectos históricos e sobre a realidade dos trabalhadores da categoria. A navegação pelo site consistiria, ainda, em atividade propiciadora de oportunidades para que os alunos desenvolvessem habilidades referentes à leitura do hipertexto, praticando estratégias para identificar e selecionar informações sobre o tema em debate. Nessa etapa, seria explorada uma das facetas do letramento digital: o desenvolvimento de habilidades para lidar com textos próprios dos ambientes digitais.

A diversidade de percursos de leitura propiciados pelo *site* apresenta o recorte da primeira página do *site* do Sindicato dos Metalúrgicos. Em razão das diversas trilhas de leitura permitidas, esperávamos que os alunos elaborassem conhecimentos diversificados sobre o trabalho, sobre o trabalhador e sobre as relações de trabalho na comunidade. Isso ocorreria porque, movido por interesses individuais referentes aos gêneros textuais e à própria temática presente no site, cada aluno seguiria por rumos específicos, acessando informações que se complementam ou se contradizem, ora relacionadas ao movimento sindical, ora à história singular dos trabalhadores ou às relações entre o trabalho e o desenvolvimento do município.

O contato com as TICs também seria fomentado nas etapas subsequentes, nas quais os alunos trabalhariam na produção de gêneros textuais, utilizando os computadores da escola. Nesse processo, exercitariam movimentos próprios da escrita em ambientes digitais, mas, também, como as atividades teriam sequência por várias aulas, realizariam operações que decorrem dos recursos adotados, tais como salvar arquivos, recuperá-los, organizá-los, editá-los, dentre outras.

Como produto final do projeto, pretendíamos a elaboração de um e-book dos textos produzidos pelos alunos do 7º ano do CEJM. Os alunos participariam da elaboração do e-book e, para tanto, executariam atividades com vistas à organização, apresentação, ilustração e editoração do material. Para as ilustrações, os alunos poderão empregar habilidades pessoais,

produzindo seus próprios desenhos, ou mesmo recorrer a recursos disponíveis na internet e em outras fontes digitais de imagens.

Todas as etapas referentes à produção do e-book – desde a redação das crônicas até a elaboração do produto final – propiciam letramentos próprios da utilização da linguagem em ambientes digitais, na medida em que requerem mais que somente operar ferramentas de editoração de textos, busca, recorte e aplicação das ilustrações. Um exemplo importante dessa experiência mais ampla é a necessidade de lidar com recursos facilmente acessáveis na internet, mas cuja autoria deve ser identificada e destacada pelos alunos por ocasião da inserção no e-book. Trata-se da necessidade de refletir e desenvolver práticas relacionadas ao reconhecimento do trabalho de outros, cujo produto esteja disponível ao acesso dos usuários. Dessa forma, a execução do projeto conduziria a diversas nuances do tema trabalho, aliando-se ao tema ética, norteador das atividades com os temas transversais, conforme prescrevem os PCN.

5.2 Atividades preparatórias desenvolvidas com os/as estudantes

Iniciei a aplicação do projeto expondo para os alunos da turma 711 o teor e esclarecendo as dúvidas que surgiram a partir de minha exposição. Após recolher os Termos de Assentimento e Consentimento devidamente explicados e assinados, dei início ao projeto propriamente dito.

Fiz uma sondagem, por meio de informações iniciais registradas pelos alunos em uma folha, sobre o que sabiam a respeito do gênero textual crônica. Apenas li os textos escritos por eles sem comentá-los e os guardei para futuras intervenções.

A professora de História introduziu o tema “A história do Trabalho”, estabeleceu um paralelo entre trabalho livre e escravo no Brasil. Também ensinou sobre a Revolução Industrial e o trabalho assalariado. A professora de Geografia ensinou as questões econômicas e mercadológicas que envolvem as relações de trabalho, conforme previsto no escopo do projeto. Após estas aulas, perguntei a respeito do que entendiam sobre o tema “trabalho” ao que eles responderam de várias formas diferentes, mas convergentes entre si,

principalmente quanto a duas questões: trabalho como meio de sobrevivência e conquista da dignidade pessoal e profissional.

Os alunos fizeram uma pesquisa a respeito da história de nossa cidade, João Monlevade, e constataram que ela cresceu em torno da C.S.B.M (Companhia Siderúrgica Belgo Mineira), atual Arcelor Mittal. Propus que pesquisássemos sobre a referida empresa a fim de a conhecermos melhor e à cidade, bem como nos aprofundarmos a respeito do tema de nosso projeto. Analisamos a letra do Hino Municipal que relaciona o surgimento e crescimento da cidade ao trabalho e o cotejamos com tudo o que sabíamos sobre a cidade a partir de nossa pesquisa.

Também em entrevistas com ex e atuais funcionários da usina, bem como com outros trabalhadores, os alunos perceberam a relação entre nossa cidade e o tema de nosso projeto, o que pude perceber pelo envolvimento dos alunos durante o processo. Duas entrevistas me chamaram mais a atenção: o aluno Ian convidou seu avô, Sr. Francisco Assis Bastos, aposentado pelos serviços prestados à Arcelor Mittal, para responder a perguntas previamente elaboradas pela turma, o que o Sr. Francisco fez com muita desenvoltura. Ele deu uma aula para todos nós quando discorreu sobre sua vida de trabalhador da então C.S.B.M. Também falou de seu trabalho atual em seu sítio e disse-nos pretender trabalhar enquanto puder porque trabalho é vida, apesar de exigir muito de nós.

Falou também sobre a importância do estudo, cuja falta o impediu de avançar na carreira e finalizou dizendo que tem muita esperança na nova geração porque já via em seu neto muita vontade de estudar e trabalhar. O Sr. Marcelo Márcio de Souza, pai da aluna Suéllen, nos prestou um depoimento similar quanto à importância do trabalho desenvolvido há vinte e sete anos na Arcelor Mittal, acrescentando que o trabalho também nos possibilita criar laços de amizade, por meio de respeito, responsabilidade, paciência, solidariedade envolvidos nas tarefas diárias, para que tudo possa sair a contento. Finalizou sua entrevista falando com muita veemência: “Se eu tivesse estudado mais, provavelmente seria chefe. Estou quase me aposentando e já tem três empresas me sondando para eu trabalhar para elas”.

Os alunos também decidiram me entrevistar sobre o tema em questão, solicitando-me relatar minha vida profissional, o que fiz de forma sucinta,

tentando realçar os pontos mais relevantes. Tais entrevistas foram fundamentais não só para compreenderem o tema proposto, como para enfatizar a importância do estudo como meio para uma maior realização profissional. Vários alunos comentaram a importância de unir a teoria à prática, o que considerei muito apropriado. Também muito relevante foi a presença da família na escola dando depoimentos tão importantes concernentes não só à importância do trabalho como do estudo, quebrando a rotina de serem chamados à escola simplesmente para tratar da vida escolar dos alunos. O fato de todas as entrevistas serem organizadas pelos alunos também foi fator decisivo para o envolvimento deles com o projeto em questão.

Em seguida, dei uma aula expositiva sobre o que significa ler, começando por me reportar a origem em latim: ler – lego, que significa colher tudo quanto vem escrito. Falei da leitura como construção de sentidos. Interpretar é eleger (ex-legere: escolher), ou seja, é selecionar os elementos fundamentais para construir o sentido do texto, palavra cujo sentido etimológico significa tessitura, trama, envolvendo sempre uma intenção. Nem sempre o modo de fazê-lo é igual para todos. Tanto as palavras como os signos artísticos aparecem em contexto intencionalmente organizado por seus autores, visando a construção de sentidos.

Quando interpretamos, não nos separamos de quem somos, de nossa história de vida. Por isto temos formas diferentes de interpretar, embora haja critérios para que não ocorra extrapolação de sentidos, afinal não podemos esquecer que a leitura está condicionada ao contexto histórico em que se encontra o texto. Além disso, a língua se revela na materialidade do texto, e conhecer o seu funcionamento leva a pistas que criam relações para a produção de sentidos possíveis. Assim sendo, ler é um processo, uma construção solidária entre os sujeitos, uma negociação de sentidos muitas vezes polêmicos e por isso faz-se necessária ampla discussão sobre os pontos de vista que eventualmente surjam.

Portanto, compreender um texto não é apenas recuperar os elementos literais e explícitos presentes em sua superfície. Mas é considerar os argumentos utilizados para defender as ideias presentes no texto, por que ele foi escrito, quando, onde, o que podemos inferir a partir das ideias do texto, etc.

Também falamos sobre o significado de linguagem como forma de interação. Segundo esta concepção, o indivíduo emprega a linguagem não só para expressar o pensamento ou para transmitir informações para um outro indivíduo, mas numa forma de ação social entre sujeitos, entre pessoas que se interrelacionam ininterruptamente. Assim sendo, o sentido de qualquer texto está também na interação entre o locutor e o receptor, produzido a partir de signos linguísticos.

Discorri sobre ideologias relacionando-as à visão de mundo que certa classe social possui em determinada época. Os homens produzem ideias, representações, pelas quais procuram explicar o mundo a sua volta. Tal absorção da realidade só pode ser transmitida, materializada, por meio da linguagem, que sempre tenta nos persuadir. Daí a inseparável ligação entre ideologia e linguagem. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico.

Aproveitei a oportunidade para lhes falar um pouco de Paulo Freire e de sua práxis sobre o sonho possível, cheio de esperança nas pessoas, lutando por uma Pedagogia crítica e utópica. “E não é uma luta vã” (FREIRE 2000, p. 53). “ Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico.” (FREIRE, 1979 p. 16)

Paulo Freire propôs um trabalho educacional em sintonia com os princípios ético-político-pedagógicos que priorizassem os temas de relevância e urgência social, local e nacional, como o que estamos propondo. Ele afirma que, ao se estudar um tema, as primeiras atividades devem ser mais próximas da realidade dos alunos, e que depois eles devem avançar, produzir e sistematizar outros conhecimentos de forma crítica, criativa e estética para que a realidade possa ser transformada.

Expliquei que, tanto nas atividades de leitura como produção de textos, privilegiaríamos o entendimento do tema do trabalho, por meio das crônicas analisadas. Estabelecido o eixo das atividades, expus a intenção em escolhermos seis textos produzidos e revisados por eles para compor o “corpus” de nosso projeto, exatamente um terço das produções realizadas em duplas em uma turma composta por trinta e seis alunos. Contudo expliquei-lhes

que todos os textos produzidos e devidamente reescritos fariam parte do e-book, ao final da aplicação do projeto em questão, se assim o quisessem, fossem eles pertencentes ao gênero textual crônica ou qualquer outro gênero.

Depois falei sobre a origem da crônica, sua importância histórica, sua relevância ao longo da história jornalística e literária. Li várias crônicas, de autores como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Durante algumas aulas de Literatura, os alunos tiveram acesso a crônicas de vários autores e escolheram aquelas de que mais gostaram para comentar a respeito. Só a título de exemplo cito: “Telefone” de Carlos Drummond de Andrade, “Menino de cidade” de Paulo Mendes Campos, “História triste de Tuim” de Rubem Braga. Levaram livros de crônicas da coleção “Para gostar de ler” para casa e os devolveram só uma semana depois, prazo razoável para conhecerem mais o gênero, bem como terem mais contato com vários autores. Depois levaram para casa outros livros de crônicas escolhidos por eles e igualmente comentadas em sala de aula, de autores nascidos em João Monlevade, Luiz Ernesto de Oliveira Guimarães, autor do livro “Crônicas de um repórter”, e Marcelo Manuel de Melo, “A saga: memórias de um jornalista do interior”, cujos exemplares também se encontram na biblioteca da escola. Pedi-lhes que escrevessem o que aprenderam sobre o gênero em estudo. Neste momento, lhes devolvi seus apontamentos sobre o que sabiam a respeito do gênero textual crônica entregue a mim logo no início da aplicação do projeto. Eles compararam e disseram que agora sabiam mais a respeito porque a distinguiam de outros gêneros textuais.

Por outro lado, no primeiro dia em que nos dirigimos ao laboratório de informática, a fim de uniformizar as informações quanto ao uso dos computadores, expliquei aos alunos a sigla *www* – *world wide web* (“rede do tamanho do mundo”). Informei ser um recurso que liga computadores do mundo todo e possibilita o intercâmbio de dados e mensagens, no momento em que são publicados, sejam notícias, descobertas científicas, entretenimento. O veículo utilizado para essa socialização de informações é denominado **internet** e dizemos que seu conteúdo está disponibilizado *on-line*, assim como seus usuários estarão *on-line*. Continuei a exposição falando sobre os três primeiros *sites* mais confiáveis para pesquisa e suas abreviações: “org”, *organization*, que em português quer dizer organização e geralmente designa

domínios da internet sem fins lucrativos. Além de “org”, “gov” (*governnament*), “edu” (*educational*), “com” (*commercial*), entre outras.

O professor de informática ensinou técnicas de produção de texto no computador àqueles que as desconheciam. Observei que a maioria de alunos escrevia ao computador com desembaraço, o que eu já previa devido a uma sondagem feita por mim ainda quando da proposição do projeto.

Discutimos uso da informática, redes sociais, tempo de manuseio do computador e o que iríamos fazer no laboratório de informática. Alertei os alunos que na internet encontram-se textos que têm autoria duvidosa atribuídos a autores famosos, devendo-se analisar a procedência da informação e a autoria do site. Disse-lhes que o uso de novas tecnologias de informação e de comunicação está provocando profundas mudanças em todas as dimensões de nossa vida: viabilizam novas formas de convivência, de trocas, de mobilidade e de produção, influenciando em nossa maneira de perceber e atuar na sociedade a qual pertencemos. Muitas atividades que antes demandavam tempo, com deslocamento em grandes distâncias, hoje podem ser resolvidas de qualquer lugar por meio das redes. Para compartilhar informações, mobilizar, organizar, reunir pessoas e divulgar atividades conjuntas, diversos meios podem ser criados e usados simultânea e complementarmente. A forma descentralizada de uma rede implica tempos diferentes para decidir e atuar.

Com a ampliação do uso da tecnologia informática no setor produtivo e com a emergência de novas exigências da dinâmica social, principalmente nos grandes centros urbanos, uma verdadeira revolução aconteceu no mundo do trabalho.

O crescimento da produtividade, a modernização do mercado, a qualificação dos recursos humanos, a competitividade econômica, a qualidade de vida são alguns dos aspectos positivos engendrados. Mas o desemprego também ocasionado pela automação e pelo desaparecimento de algumas profissões é uma realidade que não podemos ignorar, assim como o choque cultural advindo da desigualdade na transferência de informações. Outro aspecto relevante a ser considerado é a necessidade de maior preparação técnica das pessoas para exercerem a contento a informática em um mercado tão competitivo quanto excludente. Da mesma forma, as Tecnologias de Informação e Comunicação, as TICs, aumentaram o isolamento físico dos

indivíduos trazendo novas formas de exclusão e de controle do poder. A propagação de várias formas de violência como o racismo e a pornografia também teve ampliada a sua difusão.

Podemos dizer que as TICs facilitaram a constituição de uma nova ordem econômica com a modificação das formas de produção e uma nova ênfase nas relações de trabalho, de ensino e de pesquisa. Também estabeleceram um novo vínculo com a ciência e o desenvolvimento socioeconômico. Não podemos esquecer o desenvolvimento do mercado e a automação de trabalhos antes árduos e prejudiciais à saúde.

O tempo gasto na produção de bens de consumo diminuiu na mesma proporção em que as inovações foram surgindo. Esta realidade provocou alterações na economia globalizada que tem como características principais o alto consumo e o dinheiro virtual.

O uso das TICs passou a promover o desenvolvimento de novas formas de trabalho como o teletrabalho. Surgiram profissionais ligados à informática e ao comércio virtual, como programador e técnico em segurança para as operações em rede.

O mercado de trabalho vem exigindo trabalhadores cada dia mais capacitados. Novas questões trabalhistas e de seguridade social também foram surgindo, mas necessitam de regulamentação pelo Estado a fim de não haver um retrocesso nos direitos trabalhistas já garantidos pelas leis vigentes originárias de tantas lutas sindicais.

Acreditamos que nós, educadores, não podemos nos furtar a ensinar toda esta realidade a nossos alunos para, junto a sua capacitação técnica para atuarem profissionalmente, exercerem a cidadania.

Precisamos formá-los também, utilizando-nos eticamente de toda tecnologia de que possamos dispor para transformar tal realidade ainda tão desigual. Sem esta atitude, a escola irá apenas reproduzir um modelo de mundo que não só não oferece boa qualidade de vida para a maioria de seus habitantes, como perpetuar várias formas de violência como linguagem universal.

No laboratório de informática, os alunos leram as crônicas de Fernando Sabino, Rubem Braga e outros que quiseram, e quem quis as comentou. Pude observar que a leitura das crônicas ofertadas e escolhidas os levou a uma

conclusão importante: que a maioria das crônicas são breves e que tratam de assuntos do dia a dia. Chegaram a esta conclusão por eles próprios, o que considero ser muito relevante. Quando perguntei sobre a linguagem utilizada, a maioria dos alunos disse-me tratar-se de linguagem “comum”, o que percebi no diálogo tratar-se da linguagem coloquial. Discutimos textos que apresentavam comentários do narrador e textos que não apresentavam, e o que isso pode representar quanto a possíveis reflexões realizadas pelos interlocutores. Esta atividade serviu como exercício de fixação.

Expliquei que os textos também seriam reconhecidos como hipertextos, por se apresentarem numa tela cheia de outras imagens e textos a serem também lidos. Que estas crônicas, assim como as impressas, têm formato próprio, suporte específico, propósitos de leitura, características sociocomunicativas definidas pelo conteúdo, função, estilo e composição. E que devemos perceber por que, para que e para quem foram escritos. Analisamos alguns recursos linguísticos utilizados nas crônicas escolhidas por eles, como os fatos narrados e alguns comentários acerca deles.

Solicitei aos alunos que contassem fatos da vida escolar ou pessoal que julgavam confortável dizer, aproveitando os traços da oralidade presentes nas crônicas e identificados por eles. Também fizemos um outro trabalho privilegiando a oralidade sobre notícias envolvendo trabalho, TICs, educação, política e economia, temas afins a nosso projeto que escolherem trazer para a sala de aula e discutir a respeito. Como o projeto em questão culmina com a produção de um e-book, também seguimos a orientação do PCN segundo a qual precisamos construir um trabalho com a oralidade em equilíbrio com a escrita, a fim de propiciar a identificação do leitor com o texto. Através destas atividades percebi que os alunos apreendiam o gênero textual crônica como algo mais próximo à realidade deles. Um dos alunos declarou: “a crônica é mais fácil de aprender, não é, professora?”.

Marcamos uma visita à sede do Sindicato dos Metalúrgicos para entrevistar o presidente e o assessor de comunicação e criador do [site www.sindmonmetal.wordpress.com](http://www.sindmonmetal.wordpress.com), além de apresentar o espaço físico àqueles alunos que não o conheciam internamente. Após ensinar aos alunos como redigir um e-mail oficial, escrevemos juntos um e-mail endereçado ao presidente da entidade explicitando o interesse em conhecê-lo e o Sindicato,

bem como a razão pela qual o faríamos. Debatemos o que gostaríamos de saber e preparamos as perguntas que faríamos aos dois. Concomitante a isso, no laboratório de informática, pesquisamos o respectivo site. Os alunos constataram que ele nos mostra a história do trabalhador metalúrgico de João Monlevade, suas conquistas e derrotas enquanto classe trabalhadora na luta por melhores condições de trabalho e salário. Comentamos algumas notícias presentes no site e alguns alunos as identificaram como fatos mencionados por seus pais ou referentes a pessoas suas conhecidas.

A visita ao Sindicato transcorreu de forma interativa e prazerosa. Fomos muito bem recebidos e ouvimos uma aula sobre a história do sindicalismo nacional e local, não só quanto às lutas por melhores condições de trabalho e salário, mas sobre participação na melhor qualificação profissional das trabalhadoras e dos trabalhadores no processo educacional. Os alunos foram convidados para participarem de algumas atividades comemorativas do Sindicato, no Dia do Trabalho. Aproveitei o momento e contei-lhes por que ser no primeiro de maio que se comemora sua importância na vida de todos nós, uma vez que foi em primeiro de maio de 1886 que os trabalhadores se mobilizaram para reivindicar a redução da jornada de trabalho de treze para oito horas diárias.



**Figura 3 - Visita ao Sindicato dos Metalúrgicos feita em Março/15.
Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos.**



Figura 4 - Projeto de trabalho reuniu sindicalistas e adolescentes para discutir as relações de trabalho. Fonte: <http://www.cnmcut.org.br/conteudo/projeto-de-mestrado-reune-sindicalistas-e-adolescentes-para-conversa-sobre-trabalho>:

Os alunos também tomaram conhecimento da agenda cultural da entidade e tiveram a oportunidade de “dar entrevista” sobre o projeto, o que estavam aprendendo e a razão pela qual estavam ali. O assessor de comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos publicou no *site* e nas redes sociais matéria sobre nossa visita e o que a motivou, assim como as fotos registradas, o que alegrou a todos pela fidelidade com que os fatos foram narrados e por se virem contemplados publicamente. Grande parte dos alunos também registrou o evento por meio de fotografias tiradas de seus aparelhos celulares. Elaboramos um e-mail de agradecimento à entidade pela ótima acolhida.

Também elaboramos e enviamos um e-mail à Arcelor Mittal solicitando uma visita e explicitando o motivo. A proposta era conhecer a realidade tanto do empregado quanto do empregador, na relação de trabalho, tema de nosso projeto, para que os alunos tirassem suas próprias conclusões. No laboratório de informática, fizemos uma pesquisa sobre a referida empresa. Elaboramos juntos as perguntas que gostaríamos de fazer. Aproveitamos todas as oportunidades para utilizar a escrita nas práticas sociais que surgiram a fim de dar andamento a nosso projeto.

A respeito das atividades de produção textual, a serem realizadas após as atividades de leitura, informei que precisam ser planejadas com a determinação de sua meta e eleição dos meios adequados. Tudo isto para as atividades serem bem realizadas através de ações e operações concretas e revisadas convenientemente a fim de cumprir sua meta de ser lida e compreendida por alguém, o que envolve muito trabalho. Nós, professores, precisamos tornar as atividades de produção o mais atrativas possível. Uma das medidas foi fazer a proposição da escrita em dupla, ao que os alunos responderam de forma entusiasmada. Também disse-lhes que não seria rígida quanto ao tempo oferecido para a produção. Alguns alunos têm necessidade de mais tempo para executarem alguns exercícios e precisam se sentir mais seguros e tranquilos para fazê-los.

Tentei motivar os alunos sempre com a perspectiva de ver a escrita, da mesma forma que qualquer atividade verbal, como uma ação cooperativa entre duas ou mais pessoas (os interlocutores). Nessa visão interacionista supõe-se que alguém selecionou (conscientemente ou não) alguma coisa a ser dita a

alguém com quem deseja partilhar alguma coisa, com alguma intenção. Por isso, precisamos aumentar nosso conhecimento, ampliar nossos horizontes também a fim de interagirmos melhor com os textos lidos e produzidos por nós.

O ato da escrita, apesar de não apresentar os interlocutores simultaneamente como no ato da fala, não pode prescindir da interlocução: quem escreve o faz para alguém ler, em interação com outra pessoa. Assim as ideias, as informações, a linguagem utilizadas devem estar adequadas ao provável interlocutor. Sua atividade vai além da sala de aula para atingir contextos da vida. Escrever, portanto, é uma atitude consciente, criativa, mas tem necessidade de estratégias concretas para ser bem sucedida. É também complexa, já que, ao mesmo tempo em que se revela flexível adequando-se às mais diversas situações e interlocutores, é relativamente rígida no que diz respeito a modelos e padrões.

Cotejei o ato de escrever com as demais atividades da vida diária, como posturas, vestuários e outras linguagens que precisamos adotar e adequar nas diferentes práticas sociais historicamente constituídas. O texto, que é mais um elemento de nossas práticas, também tem suas ações delimitadas pela apreciação das pessoas.

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais do sistema educacional. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social.

A escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem ideias e conteúdos, o texto será vazio e sem propósito. Preparar-se para escrever supõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações. Todas estas atividades são cognitivas. Além disto, escrever é também um auxílio para a reflexão, para a memorização a fim de regular comportamentos humanos.

Escrever também implica ser capaz de levar em consideração a situação de produção do texto, planificar a sua organização e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas. Esses aspectos de textualização dependem do gênero textual a ser escrito, assim como do vocabulário adequado e das estruturas sintáticas e morfológicas.

Expliquei que a escrita não começa no ato de escrever propriamente dito, mas em seu planejamento, quando delimitamos o tema do texto e os seus elementos (o quê); os objetivos, a razão da escrita (para que, para quem) e os critérios de ordenação de ideias. O planejamento irá facilitar e possibilitar a escrita. Depois vem a escrita propriamente dita, em que efetivamos o planejamento proposto, e a revisão, em que analisamos criticamente o que foi escrito e fazemos os ajustes necessários para que nossos textos sejam lidos e aceitos pelos interlocutores com os quais irá interagir. Disse que os bons escritores sempre revisam seus textos mesmo após anos de experiência e tal atitude torna seus textos melhores.

A aprendizagem da escrita é um processo e não um produto de interlocução e de mediação pelo outro, e não termina com a produção de texto em sua primeira versão. Deve ocorrer o diagnóstico de aspectos problemáticos do texto. Logo após, atividades em que o aluno monitora sua produção e aprendizagem (reescrita – parte do processo de produção textual do aluno com a orientação do professor).

Questões que requerem reflexão: a natureza da correção feita pelo professor; a concepção tradicional dos erros que na verdade são desvios que podem indicar as inadequações do uso da linguagem e não apenas dizem respeito à norma padrão da língua como tantos pensam; a importância da reescrita no desenvolvimento das capacidades do aluno. A compreensão produtiva do erro e de sua natureza é o primeiro passo para a reescrita. A “higienização” do texto, quando, depois da “limpeza”, ele continua apresentando inadequações textuais e discursivas que comprometem a função comunicativa com o interlocutor, deve ser substituída por uma correção e reescrita que privilegiem a interação, o sentido e a comunicação.

O professor não deve pretender, em cada momento de reescrita, resolver todos os problemas do texto do aluno. Convém salientar um ou dois aspectos mais relevantes e fazer os alunos trabalharem sobre eles. A correção deve ser clara e precisa, a fim de que o aluno saiba o que precisa ser reescrito e o porquê.

Para que houvesse maior segurança no momento da produção textual em dupla, disse que a primeira escrita seria coletiva, ou seja, eu escreveria no quadro nossa primeira crônica, a partir das sugestões deles. Tal escrita requer

tempo e paciência porque, geralmente, vários alunos querem falar ao mesmo tempo, o que gera certa desordem. Contudo, também acarreta maior envolvimento da turma em torno da proposta de escrever algum gênero textual, o que é bem positivo.

As atividades relatadas ocorreram em fevereiro e março de 2015. Além delas havia outros conteúdos a serem ensinados, bem como outras avaliações próprias das disciplinas em questão.

Em abril iniciamos as oficinas de leitura das crônicas propostas, após lermos e analisarmos as biografias de Rubem Braga, Lima Barreto e Vinicius de Moraes, no laboratório de informática. Também houve interesse por parte de alguns alunos em lerem outros textos destes mesmos autores.

Todo este preâmbulo foi ensinado não só para motivar os alunos quanto à participação no projeto, mas para prepará-los para tal, já que não só ficaram a par da importância da leitura e da escrita mas também envolvidos com o tema proposto e a metodologia a ser aplicada. Observei também que, ao realizarmos outras atividades do planejamento bimestral, os alunos discutiam releitura e escrita com mais propriedade ao apresentarem suas respostas às questões propostas.

O lançamento de nosso e-book, no Sindicato dos Metalúrgicos, se deu no dia 23 de junho de 2015; e na escola, no dia 25 de junho.

6. APLICAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA: DESENVOLVIMENTO

Como sabemos, ler e escrever são duas aprendizagens fundamentais e complementares a serem ensinadas na escola. Um cidadão sem estas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais, psicológicas e mobilizam as habilidades de linguagem para muito além do simples acesso ao código alfabético.

A apropriação de estratégias de leitura contribui para a autonomia do aluno do ponto de vista cognitivo, do afetivo e do linguístico. Neste último caso, possibilita ao aluno observar como os textos se organizam frente às situações de comunicação e às formas de expressão que o caracterizam.

A partir daí o leitor deve aprender a relacionar, hierarquizar e articular as informações contidas em um texto com a situação de comunicação e com seu conhecimento de mundo; a ler nas entrelinhas o que o texto deixa implícito; enfim, a formar sentidos neste amplo processo interativo.

O leitor também precisa aprender a se distanciar dos textos a fim de interpretá-los de forma criteriosa e ser capaz de identificar suas características e finalidades, bem como conscientizar-se das diferentes marcas linguísticas que lhe são próprias.

Nesta perspectiva passamos ao estudo da primeira crônica de autoria de Rubem Braga, “O Padeiro”. Partindo de perguntas, exploramos o título “O Padeiro” para ajudar os alunos a descobrir as características de um bom título e aprender a criá-lo para as crônicas e os demais textos.

6.1 Primeira oficina

Objetivos:

- Estabelecer contato com o gênero crônica;
- Ler a crônica de Rubem Braga “O Padeiro”;

6.1.1 Primeira etapa de atividades

Duração: 3 aulas.

1 – Fiz perguntas orais sobre o que os alunos acham que seja o gênero textual crônica. Após ouvir as respostas, perguntei:

- a) Quem costuma ler crônicas em jornal, revista ou blog?
- b) Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão?
- c) De que assuntos tratam essas crônicas?

2 – Comentei em quais circunstâncias as crônicas costumam ser produzidas: com que finalidade, para quem, onde circulam e em que suportes (livros, jornais, revistas, internet) podem ser encontradas. Dicas importantes a dar aos alunos:

- comecem a observar tudo que está a sua volta porque pode ser material para a crônica.
- cronistas escolhem a dedo as palavras. Sua linguagem é simples, espontânea, quase conversa ao pé do ouvido.

3 – Analisamos a seguir três crônicas: “O Padeiro”, de Rubem Braga; “Operários em construção”, de Vinicius de Moraes; e “A greve da Cantareira”, de Lima Barreto. Para conhecer melhor nossos autores, apresentamos um pouco de sua biografia. Os alunos puderam complementá-la ao pesquisá-los.

4 – Lemos em voz alta a biografia de Rubem Braga.

Biografia de Rubem Braga:

Rubem Braga nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, no dia 12 de janeiro de 1913. Iniciou seus estudos em sua cidade natal, depois foi para Niterói, Rio de Janeiro, onde concluiu o ginásio no Colégio Salesiano. Em 1929, escreveu suas primeiras crônicas para o jornal Correio do Sul. Ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Transferiu-se para Belo Horizonte, onde concluiu o curso, em 1932.

Rubem Braga lançou em 1936 seu primeiro livro de crônicas, "O Conde e o Passarinho". Em 1944, foi à Itália como correspondente, na Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo ano escreveu "O Morro do Isolamento". Tornou-

se famoso como cronista de jornais e revistas de grande circulação. Visitou países da América e da Europa, foi embaixador em Marrocos. Morando no Rio de Janeiro, escreveu ainda "Ai de Ti, Copacabana" (1960), "As Boas Coisas da Vida" (1988), entre outras obras. Rubem Braga faleceu, no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 1990.¹

5 – Após apresentar a biografia do autor, lemos a crônica em voz alta para os alunos.

O Padeiro

Rubem Braga

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costureiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um lockout, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

¹ www.e-biografias.net/rubem-braga

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

Rio de Janeiro, maio de 1960.²

6 – Por meio de perguntas orais, exploramos o título “O Padeiro” para ajudar os alunos a descobrir as características de um bom título e aprender a criá-lo para as crônicas deles:

- a) Esse título chama a atenção do leitor? Por quê?
- b) O que ele sugere?
- c) Pelo título dá para imaginar algo sobre a crônica?
- d) De que situações vocês acham que essa crônica vai tratar?

7 – Após a leitura em voz alta feita pela professora, foram levantados os seguintes questionamentos:

- a) “Não é ninguém, é o padeiro!”. Quem primeiro proferiu estas palavras? Por quê? O que elas representam em nosso contexto diário?

²Conforme informação disponível em [http:// www.migalhas.com.br](http://www.migalhas.com.br). Acesso em 21 nov. 14.

- b) Qual a relação que o personagem narrador estabelece entre ele e o personagem padeiro?
- c) Que aspectos do cotidiano são narrados? De que forma?
- d) Por que o personagem narrador afirma que recebeu do personagem padeiro uma lição de humildade?
- e) Que ideias e emoções foram despertadas pela leitura?
- f) Quais personagens da crônica aparecem explicitamente?
- g) Quais lugares onde acontecem os fatos narrados são mencionados? Por que há lugares que não são mencionados?
- h) E quanto aos tempos em que os fatos aconteceram?
- i) Que ideias foram defendidas ao longo da crônica?
- j) Que ideias você percebeu foram combatidas ao longo da leitura da crônica?
- k) Quais personagens aparecem implicitamente? Por quê?

6.1.2 Segunda etapa de atividades

Duração: 3 aulas

1 – Lemos a crônica de Rubem Braga “Luto da família Silva” em voz alta, para os alunos.

Luto da família Silva

Rubem Braga

A assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A Assistência voltou vazia. O homem está morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção dos "Fatos Diversos" do Diário de Pernambuco, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na Rua da Alegria. Morreu de hemoptise.

João da Silva - Neste momento em que seu corpo vai baixar à vala comum, nós, seus amigos e seus irmãos, vimos lhe prestar esta homenagem. Nós somos os Joões da Silva. Nós somos os populares Joões da Silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na

rua. Nós pertencemos, como você, à família Silva. Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história. Muitos de nós usamos outros nomes, para disfarce. No fundo, somos os Silva. Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degredados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos os imigrantes, mestiços. Somos os Silva. Algumas pessoas importantes usaram e usam o nosso nome. É por engano. Os Silva somos nós. Não temos a mínima importância. Trabalhamos, andamos pelas ruas e morremos. Saímos da vala comum da vida para o mesmo local da morte. Às vezes, por modéstia, não usamos nosso nome de família. Usamos o sobrenome "de Tal". A família Silva e a família "de Tal" são a mesma família. E, para falar a verdade, uma família que não pode ser considerada boa família. Até as mulheres que não são de família pertencem à Silva.

João da Silva - nunca nenhum de nós esquecerá seu nome. Você não possuía sangue-azul. O sangue que saía de sua boca era vermelho - vermelhinho da silva. Sangue de nossa família. Nossa família, João, vai mal em política. Sempre por baixo. Nossa família, entretanto, é que trabalha para os homens importantes. A família Crespi, a família Matarazzo, a família Guinle, a família Rocha Miranda, a família Pereira Carneiro, todas essas famílias assim são sustentadas pela nossa família. Nós auxiliamos várias famílias importantes na América do Norte, na Inglaterra, na França, no Japão. A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo lugar onde se trabalha. Nossa família quebra pedra, faz telha de barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos Bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha. Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo.

Apesar disso, João da Silva, nós temos de enterrar você mesmo na vala comum. Na vala comum da miséria. Na vala comum da glória, João da Silva. Porque nossa família um dia há de subir na política.

Junho de 1935.³

³ RODRIGUES, T. I. Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária. Dissertação de Mestrado em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP. Assis, 2012. 120 fl.

(BRAGA, Rubem. Luto da família Silva. In: *Para gostar de ler*. 4. ed. São Paulo, Ática: 1984.)

2 – Depois de ouvir e acompanhar a leitura da crônica, foi hora de questionar o que a crônica provocou nos alunos:

- a) O que acharam da crônica? Por quê?
- b) Alguém já viveu uma situação como a descrita na crônica? Ou conhece outra pessoa que vivenciou algo parecido? O que isso significa?
- c) “Nós somos os Joões da Silva.” Na verdade, quem são os “Joões da Silva”? O que essa frase significa?
- d) “Porque nossa família um dia há de subir na política...” Será que a previsão do personagem narrador aconteceu? Justifique sua resposta.
- e) “Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degradados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos os imigrantes, mestiços. Somos os Silva”. O que podemos depreender a partir destas afirmações?
- f) Quais seriam os principais temas da crônica?
- g) Foram mencionados os espaços (lugares) onde se passam a história narrada? Quais?
- h) Quando ocorreu o fato foi mencionado?
- i) Em sua opinião, qual a ideia central que foi defendida veementemente ao longo da crônica?
- j) Quais ideias foram combatidas no texto?
- k) O personagem-narrador esclarece-nos que João da Silva morava na Rua da Alegria”. Tendo em vista a história narrada, o que este nome da rua representa?
- l) Há algo que ficou difícil de entender? Em caso positivo, o quê?
- m) Agora, depois de analisar toda a crônica, o que podemos depreender sobre seu título?
- n) Compare a data em que se inicia o texto, o texto em si, as duas últimas frases do texto e a data no final da crônica.
- o) Pedi aos alunos que, em pequenos grupos, lessem novamente o texto e escolhessem um parágrafo em que o cronista conseguiu mexer com a emoção deles para apresentar aos colegas.

p) Agora que você já deve compreender o texto, responda quanto a sua estrutura: de quantos parágrafos é formada a crônica?

6.2 Segunda oficina

Objetivos:

- Aprofundar com os alunos o estudo do gênero crônica.
- Distinguir os tons de lirismo, ironia, humor ou reflexão nas crônicas analisadas.

6.2.1 Primeira etapa de atividades

Duração: 4 ou 5 aulas .

Atividades:

- Apresentar uma pequena biografia de Vinicius de Moraes.
- Apresentar a crônica “Operários em construção” de Vinicius de Moraes.
- Apresentar questões que levem os alunos a compreender a crônica.

1 – Leremos em voz alta a biografia de Vinicius de Moraes.

Cronologia de Vinicius de Moraes:⁴

1913 Nasce no dia 19 de outubro, no Rio de Janeiro, Marcus Vinicius da Cruz de Melo Moraes.

1922 No ano da Semana de Arte Moderna em São Paulo, do Centenário da Independência, do levante dos 18 do Forte de Copacabana.

1928 Compõe as primeiras canções. Com Haroldo Tapajós faz “Loura ou Morena”, e com Paulo Tapajós, “Canção da noite”.

1930 Com 17 anos matricula-se na Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro.

⁴ <http://www.viniciusdemoraes.com.br>

1932 Publica pela primeira vez um poema de sua autoria na revista *A ordem*, edição de outubro.

1933 Forma-se em Direito. Publica pela Schmidt Editora (de propriedade do poeta Augusto Frederico Schmidt) seu primeiro livro de poemas: *O caminho para a distância*.

1935 Publica pela editora Irmãos Pongetti seu segundo livro, *Forma e exegese*, ganha o prestigioso prêmio Filipe d'Oliveira. O livro recebe, na época, comentários positivos de Manuel Bandeira.

1936 Novamente pela editora Irmãos Pongetti, Vinicius lança o terceiro livro, uma separata que traz o longo e único poema intitulado *Ariana, a mulher*.

1938 Publica pela editora José Olympio os *Novos Poemas*, seu quarto livro. A maturação formal e temática de seus versos faz com que a poesia de Vinicius se consolide como uma das principais da chamada "Geração de 30". Contemporâneos e nomes já de peso como Mário de Andrade (a quem o poeta dedica o poema "A máscara da noite") elogiam publicamente o livro.

1939 Em Estoril, Portugal, escreve o "Soneto de Fidelidade".

1941 Começa a trabalhar como crítico cinematográfico no jornal *A Manhã*.

1943 Ingressa, por concurso, na carreira diplomática. Publica o quinto livro, pela editora Irmãos Pongetti: "Cinco elegias".

1946 Assume seu primeiro posto diplomático, como vice-cônsul em Los Angeles, e se aproxima de músicos brasileiros como Carmem Miranda .

1949 Através de João Cabral de Melo Neto, vê seu poema "Pátria minha" ganhar uma tiragem especial de cinquenta exemplares.

1954 É lançada no Brasil, pela editora A Noite, sua *Antologia Poética*. Sua peça "Orfeu da Conceição" é premiada no concurso de teatro do IV Centenário do Estado de São Paulo e publicada na revista *Anhemi*.

1956 Consegue uma licença-prêmio no Itamaraty e retorna ao Brasil por breve período para encenar sua peça *Orfeu da Conceição*. No mesmo período Sacha Gordine em Paris produz o filme que resultaria no premiado *Orfeu Negro*.

1957 Passa o ano em Paris, dividido entre os afazeres da Diplomacia na UNESCO e a música popular. No final do ano é transferido para a Embaixada Brasileira no Uruguai e passa um breve período no Brasil. Publica a primeira edição do seu livro de sonetos pela editora carioca Livros de Portugal.

1959 Composições musicais de Vinicius e Tom Jobim. João Gilberto, que batiza seu próprio disco de estreia de “Chega de Saudade”, apresenta uma interpretação inovadora e transforma a canção da dupla em uma das mais importantes da história brasileira. Os três nomes serão sempre lembrados como os fundadores da Bossa Nova. A cantora Lenita Bruno contribui para a fama ao gravar o LP *Por toda minha vida*, apenas com canções de Vinicius e Tom.

1960 Publica, pela Editora do Autor (dos seus amigos Fernando Sabino e Rubem Braga), a segunda edição da sua *Antologia poética*, com acréscimo e revisões de poemas.

1961 Publica pela Nuova Academia Editrice, em Milão, a tradução italiana de *Orfeu Negro*, feita por P.A. Jannini. É lançado o disco Brasília – “Sinfonia da Alvorada”, feito em parceria com Tom Jobim.

1962 Começa a compor com Baden Powell. Surgem todos Afrossambas da dupla.

1963 Faz com Edu Lobo uma série de canções. Compõe com Francis Hime e Jards Macalé.

1965 “Arrastão”, interpretada por Elis Regina, é eleita a melhor canção do I Festival Nacional de Música Popular Brasileira na TV Excelsior. Vinicius também leva o segundo prêmio com “Valsa do amor que não vem”, composta com Baden Powell e interpretada por Elizeth Cardoso.

1966 É lançado Afrossambas, disco de Vinicius e Baden Powell. A dupla funda o violão de Baden, as letras de Vinicius e os ritmos e temas do candomblé baiano.

1968 Ao lado de Baden Powell e da cantora Márcia, realiza shows em Portugal. No dia 13 de dezembro, data de publicação do Ato Institucional nº 5, Vinicius

faz no palco, como forma de protesto, uma leitura de seu poema “Pátria minha”.

1969 Após uma ordem direta do Presidente Arthur Costa Silva, Vinicius é exonerado do Itamaraty em meio a um expurgo oficial de funcionários não alinhados com o governo ditatorial do período. Vive uma intensa agenda de shows em Salvador, Buenos Aires, Montevideu e Lisboa. Também na cidade portuguesa grava ao vivo na Livraria Quadrante um recital de poesia. O mesmo torna-se, no ano seguinte, um disco lançado pelo selo Festa.

1970 Inicia parceria de canções, discos e shows com Toquinho. A primeira canção que compõem juntos é “Como dizia o poeta”.

1971 Intensa agenda de shows ao lado de Toquinho.

1972 Com Toquinho lança “São demais os perigos dessa vida”. A dupla lança com Maria Creuza álbum “Eu sei que vou te amar”, versão brasileira do show do trio na Argentina. Com Marília Medalha, lança o disco Marília e Vinicius – encontros e desencontros.

1973 Vinicius e Toquinho fazem a trilha sonora da novela O Bem Amado da Rede Globo de Televisão.

1974 Vinicius e Toquinho trabalham em mais uma (e derradeira) trilha sonora para novela. Dessa vez é *Fogo sobre terra* (Som Livre), novamente da Rede Globo de Televisão. Lançam *Vinicius e Toquinho* (Philips) e *Toquinho, Vinicius & amigos* (RGE).

1975 Grava dois discos com Toquinho na Itália: *Toquinho, Vinicius de Moraes e Ornella Vanoni* e *O poeta e o Violão*. Grava também mais um álbum da dupla, novamente intitulado *Vinicius e Toquinho*

1976 Faz, com o parceiro Edu Lobo, a trilha sonora do musical *Deus lhe pague*.

1977 Participa, ao lado de Tom Jobim, Miúcha e Toquinho, do show *Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha*, que ficou sete meses em cartaz. O disco é lançado pela Philips no mesmo ano.

1979 Vinicius e Toquinho lançam o disco *10 anos de Toquinho e Vinicius* (Philips). A convite do então líder sindical do ABC paulista, Luís Inácio Lula da Silva, lê, em uma assembleia, poemas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Dentre os poemas, uma aclamada récita de “O operário em construção”.

1980 Lança, com Toquinho, pela gravadora Ariola, seu derradeiro disco, *Um pouco de ilusão*. Morre de edema pulmonar no dia 9 de julho.

2 – Leitura em voz alta feita pela professora da crônica “Operários em Construção”, de Vinícius de Moraes:

Operários em Construção

Vinicius de Moraes

Às vezes, enquanto trabalho em casa, na minha máquina, e busco no abstrato da paisagem urbana a forma do que quero dizer, acabo esquecendo de tudo para fixar minha atenção sobre os operários que terminam o edifício em frente. Chegaram agora à fase que só falta pintar as esquadrias e dar caiação final ao primeiro andar. Venho há meses, observando-os trabalhar, erguer a sólida estrutura de oito pisos, com três apartamentos por andar. Vi-os situar as fundações, levantar o cipoal de aço e cimento que era como o esqueleto do prédio. Vi-os colocar-lhe os soalhos, enquadrar-lhe as portas e janelas, revesti-los de sua epiderme intensa de tijolos refratários. Fui espectador emocionado de suas perigosas passagens para a prancha móvel, à guisa de elevador, sobre a área mínima da qual surpreendiam-me para rebocar e cair os grandes muros externos laterais da construção paciente e imóvel. Juro que ouvia tambores surdos, como antes do número de sensação ao trapézio volante de um circo, cada vez que um daqueles homens cor de cimento fazia arriscadíssima passagem da janela para a prancha estreita presa a roldanas colocadas no alto do edifício. Admirei-os em suas displicentes poses escultóricas, mãos na cintura sobre a tábua balouçante, indiferentes à sucção do abismo aberto em espirais de morte seus pés. A um vi fazer pipi lá para

baixo, num perfeito à- vontade provocando-me necessidade idêntica, ai de mim, fruto de uma reação do meu vago-simpático (pois que sofro de vertigem das alturas) À noite, ouvi-os cantar, no barracão que levantaram no pátio dos violões ponteavam bordões dolentes. Apreciei-os brincar e brigar, passaram-se objetos jogando-os com incrível precisão, discutir problemas de construção e lances de futebol e receber empregadas da vizinhança com as quais se internavam prédio adentro: e que alegres voltavam desses rápidos sequestros!

Agora a estrutura se erige – mais um apartamento na colmeia em torno – e os operários esticam seu labor na preguiça dos retoques finais. Ergueram o prédio. Cumpriram seu dever. Criaram com suas mãos o plano de um arquiteto. Deram vida ao espaço. E em verdade eu vos digo que é justo o lazer que ora se permitem, pois multiplicaram uma só unidade residencial em muitas, capazes de abrigar as alegrias, tristezas, amores e lutas de outros tantos homens. E, fazendo-o, fizeram trabalho de homem.

Setembro de 1959⁵

(MORAES, Vinicius. **Operários em construção. In: Poesia completa e prosa.** Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar: 1986).

- a) Esse título chama a atenção do leitor? Por quê?
- b) O que ele sugere?
- c) Pelo título dá para imaginar o assunto da crônica?
- d) Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar? Por quê?

3 – Após a leitura em voz alta, levantei os seguintes questionamentos:

- a) O que pode significar o que o personagem narrador disse quando afirmou: “Fui espectador emocionado de suas perigosas passagens...”?
- b) Transcreva uma frase em que o personagem narrador deixa clara sua admiração pelos operários.
- c) “Deram vida ao espaço.” Como você compreende esta afirmação?

⁵ Conforme informação disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao>.

- d) “Admirei-os em suas displicentes poses escultóricas, mãos na cintura sobre a tábua balouçante...” Este fragmento da crônica revela-nos quais condições de trabalho que dos operários da construção civil?
- e) “E fazendo-o fizeram trabalho de homem.” O que você depreende destas palavras? Por quê?
- f) Ficou claro para você quem são os personagens do texto? O que os caracteriza?
- g) Quais os temas principais abordados na crônica?
- h) O espaço onde acontecem os fatos narrados aparece delimitado? Justifique sua resposta.
- j) Quais as ideias principais defendidas pelo personagem narrador? Como se chegou a esta resposta?
- k) E quanto às ideias combatidas pelo personagem narrador. Quais seriam?
- l) O tempo em que acontecem os fatos delineados pelo narrador-personagem aparece claramente na crônica? Onde na crônica aparece claramente? Por quê?
- m) Quantos parágrafos há na crônica?

6.2.2 Segunda etapa de atividades

Duração: 2 aulas

1 – Fizemos a leitura da cronologia de Lima Barreto:

Cronologia de Lima Barreto

1881 Afonso Henriques de Lima Barreto nasce, no Rio de Janeiro, 13 de maio, filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto.

1902 Lima Barreto começa a escrever crônicas e artigos em jornais e revistas.

1903 Começa a trabalhar como funcionário público federal concursado, na Diretoria de Expediente da Secretaria de Guerra (hoje Ministério da Defesa).

1906 Primeiro afastamento para tratamento de saúde – seriam vários ao longo de sua vida.

1909 Lima Barreto publica o livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

1916 O escritor publica *Triste Fim de Policarpo Quaresma*

1917 Crises e greves operárias alastram-se pelo país.

1917 Lima Barreto publica *Numa e ninfá*.

1918 É aposentado por motivo de saúde, após 14 anos no Ministério da Guerra.

1919 Lima Barreto publica *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, que no ano seguinte é premiado pela Academia Brasileira de Letras.

1921 Publica *O destino da literatura*.

1922 Lima Barreto falece, no Rio de Janeiro, dia 3 de novembro.

1923 Publicação póstuma dos livros *Os bruzundangas* e *Bagatelas*.

1953 Publicação póstuma dos livros *Feiras e Mafuás*, *Marginália*, *Impressões de leitura*, *Mágoas e sonhos de um povo*, *Diário íntimo*, *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*.

1956 Publicadas as *Obras de Lima Barreto*, em edição de 17 volumes.⁶

⁶ BARRETO, A.H. Lima..*Artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores*.Org.:FARIA, A.A.M.; PINTO, R.G., et al. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

A grève da Cantareira

Careta | 19-2-1921

Nesse negócio de *grève* dos marinheiros da Cantareira, toda a gente viu anarquismo, sindicalismo anárquico e outras coisas apavorantes para a Sociedade, para o Estado, etc., etc.

Pode ser que uma tal explicação seja cabível para outra qualquer parede¹ que se dê por aí; mas para aí; mas para tal companhia de tartarugas, vulgo barcas de Niterói, não.

Os habitantes de ambas as cidades de um ou outro lado da baía são sabedores do mau estado das almanjarras ronceiras que a atravessam, servindo aos passageiros que as demandam, por absoluta necessidade.

Quando eles fazem tal sacrifício de vida, caso o possam, vão à mais próxima igreja e encomendam a sua alma a Deus.

Houve mesmo "diários" delas que se quiseram cotizar, a fim de manterem capelães, nas respectivas pontes daqui e de Niterói, a fim de prestarem os serviços divinos de quem marcha certo para a morte. Este alvitre não pôde ser posto em prática, porque a diretoria da companhia viu em tenção tão piedosa um atentado aos seus soberanos direitos de mandar, desta para a melhor, os pobres mortais que se veem obrigados a embarcar nos seus carunchosos calhambeques, que não oferecem a simples segurança da mais humilde canoa de pesca. As tais barcas fazem água por todos os poros; elas adernam por dá cá aquela palha; elas levam uma eternidade daqui para lá e de lá para aqui – e isto com muito orgulho e prosápia. Andam assim como se fossem altaneiros couraçados ou velozes cruzadores.

Não há embarcação miúda ou graúda, civil ou militar, que lhes leve as lampas em grandeza e galhardia de coisa importante que desafia os caprichos do mar.

Certa vez, um desses calhambeques, cheio de orgulho e empáfia como os demais, teve o topete de sair barra fora, como se fosse gente.

O oceano foi com ele generoso. Desprezou a sua arrogância, não o tragou, mas troçou-o a valer. Fê-lo andar à matroca, levantou-o no seu dorso como um pedaço de palha; enfim, debochou-o como quis.

¹ Sinônimo de greve.

Figura 5 - A greve da Cantareira, de Lima Barreto.

Afinal, cansado, depois de tê-lo feito embiocar em toda enseada e angra, saiu delas para meter-lhe susto com um encalhe, numa praia de ilha deserta, atirou com ele em Santos.

São tais os perigos que correm os que navegam em tais barcas, como se está vendo, que os respectivos marinheiros resolveram muito precavidamente abandoná-las por prudência.

Foi este e não outro o motivo da última *grève* nas barcas da Cantareira.

Figura 6 - A greve da Cantareira, de Lima Barreto

6.2.3 Terceira etapa de atividades:

Duração: 2 aulas.

1 – Responda às questões abaixo:

- a) O texto que você acabou de ler tem quantos parágrafos?
- b) O narrador afirma uma visão a respeito de uma greve. Que visão é essa?
- c) Transcreva da crônica uma passagem em que o narrador deixa claras as más condições das barcas da Cantareira.
- d) O narrador conta-nos uma história que aconteceu envolvendo as tais barcas em que elas enfrentaram o mar apesar de suas péssimas condições. O que ocorreu ao fim dessa aventura?
- e) Há personagens explícitas no texto? Quais? Onde?
- f) O narrador é personagem ou participa apenas como observador? Justifique sua resposta.
- g) O que ocasionou a greve da Cantareira?
- h) Quanto à localização espacial e temporal apresentadas na crônica, o que podemos dizer? Como chegou a essa resposta?
- i) Você acredita que situações como a do texto ainda aconteçam? Justifique sua resposta.
- j) O narrador-observador define as barcas de três formas diferentes. Mencione-as.
- k) A linguagem da crônica era atual, comparada às outras crônicas analisadas?
- l) Quais as principais ideias defendidas no texto? Comprove.
- m) Quais as principais ideias combatidas no texto? Comprove.
- n) Que sentimentos ou emoções a crônica nos despertou? Justifique.
- o) Nos telejornais, jornais, revistas que eventualmente lemos é comum vermos notícias, informações sobre trabalhadores? Qual a sua opinião a respeito?
- p) Para melhor compreender um texto, é preciso saber em que situação de comunicação ele foi produzido. Já sabemos quem é o autor, mas precisamos ainda saber para quem ele escreveu e em que veículo ele publicou a crônica (jornal, revista, internet ou livro). Pesquise a respeito e traga as respostas solicitadas.

2 – Quais relações existem entre essa crônica e as demais que analisamos?

3 – Quais seriam os principais temas das crônicas estudadas?

6.2.4 Observações sobre as primeiras oficinas

As atividades de leitura transcorreram de forma positiva tendo em vista a compreensão das crônicas e das estratégias de releitura realizadas. Sempre que alguma resposta extrapolava os sentidos das crônicas analisadas, voltávamos a elas na tentativa de repensar as respostas dadas e esclarecer dúvidas. O que observei também é que as leituras aconteceram de forma colaborativa, inclusive no momento em que os alunos percebiam que algum colega fugia um pouco do que foi solicitado nas perguntas propostas e eles davam sugestões. No início, faziam gracejos quando isto ocorria, mas falei que todos nós estávamos sujeitos a tais incursões em terrenos menos seguros do ponto de vista de uma interpretação mais consistente, e logo tal reação deu lugar a atitudes mais racionais e propositivas, pelo menos da maioria dos alunos.

Percebi que os alunos tiveram mais interesse em responder às questões alusivas às crônicas do que àquelas propostas como interpretação dos textos do livro didático. Estavam visivelmente mais envolvidos e sensíveis ao aprendizado. Só a título de exemplo, quando da análise da crônica “O Padeiro” um aluno muito apropriadamente mencionou a passagem em que a empregada referindo-se ao padeiro diz que ele não era ninguém ao responder à patroa sobre quem estava à porta. Afirmou ser um absurdo ela não ter noção da importância de todos os trabalhadores. Acrescentou mais informações dizendo que por comparação também ela deveria se considerar uma ninguém já que também é uma trabalhadora. Outra aluna observou que o padeiro deveria ser uma pessoa muito bem resolvida para não se importar com tal “ofensa”. Que ele deveria ser uma pessoa “muito feliz” e por isso ele deu uma grande lição de humildade.

Já na leitura da crônica “Luto da família Silva”, grande parte dos alunos manifestou a opinião segundo a qual pior do que não ser reconhecido na morte

é não sê-lo durante a vida. Uma aluna mencionou, quando analisávamos “A greve da Cantareira”, que em muitas ocasiões uma greve pode alterar a realidade dos trabalhadores e das pessoas que utilizam determinado serviço. Quando da leitura de “Operários em construção” observei vários alunos discutindo ser possível trabalhar com prazer, mesmo quando o trabalho é braçal.

A maioria dos alunos também fazia, espontaneamente, a relação entre as crônicas analisadas, comparando-as em suas características linguísticas. Houve empolgação ao responderem às questões, e precisei propor a alternância de falas a fim não só de ouvir e compreender melhor o que falavam, como para aproveitar a oportunidade para ensinar a ouvir mais. Para isto solicitei-lhes que seguissem uma certa ordem a fim de que todos tivessem a oportunidade de participar e quando não o quisessem naquele momento o fizessem em outro, de modo que toda a turma participou de pelo menos uma atividade de leitura.

O fato de conhecerem melhor os autores das crônicas analisadas, por meio de suas biografias, também foi positivo por despertar em alguns o interesse de ler outros textos daqueles autores. Como exemplo, cito a “descoberta” do poema “Operário em construção” de Vinicius de Moraes e seu cotejo com a crônica homônima analisada, no momento em que pesquisávamos a sua biografia. Este autor foi quem mais despertou interesse da turma, cuja maioria de alunos ficou surpresa ao constatar que ele escreveu seu primeiro poema aos nove anos de idade e realizou sua primeira parceria aos quinze.

Houve maior desenvoltura no desempenho das respostas ao longo do desenrolar das atividades de leitura, o que inferi como sendo um gradual e contínuo sentir-se mais à vontade com o fato das crônicas trazerem o mesmo tema. Talvez possamos pensar em mais uma boa estratégia de leitura: analisar textos com temas afins que favoreçam o diálogo entre eles, a intertextualidade.

Em alguns momentos, os alunos, em suas respostas, foram além do que a pergunta solicitava, o que demonstra que o alcance da interpretação dos alunos, em alguns casos, pode estar além do que o professor prevê. Cabe a esse, portanto, o papel de ouvir seu aluno e aprender com ele algo que ainda não havia cogitado. Entretanto, houve momentos em que tive que refazer a

pergunta com mais vagar porque não a haviam entendido. Nos momentos em que houve divergência de respostas, procurei confrontá-las e abri um pequeno debate a fim de tentarmos um consenso possível, ou pelo menos uma maior compreensão da questão proposta. Achei também muito interessante quando alguns alunos propuseram entrevistar outros trabalhadores com os quais tinham contato, como pedreiros, empregadas domésticas, faxineiras que trabalhavam em suas casas ou de vizinhos e parentes. Comentaram que há bons e maus trabalhadores e os definiram: “bons” são quando realizam bem o trabalho e “maus” quando não o fazem direito. “Lá em minha casa, professora, tem um pedreiro muito ruim de serviço”. “A nossa faxineira é maravilhosa. Deixa tudo limpinho”.

Alguns alunos, cujos pais estão desempregados, comentaram a respeito declarando ser muito difícil esta situação para toda a família e estarem desejosos de que ela seja resolvida o mais rápido possível. Também comentaram a respeito das possíveis profissões que gostariam de exercer e das respectivas faculdades onde cursar.

Ao término das atividades de leitura, constatei que os alunos, de uma forma geral, não só compreenderam o tema das crônicas como interagiram de uma forma interessante ao constatarem com pesar algumas relações de trabalho que ainda existem não só no Brasil como em outros lugares do mundo, onde há exploração do trabalhador, inclusive com o trabalho deste sob péssimas condições. Ponderaram sobre questões de gênero e disseram ser injusto a mulher receber menos do que o homem realizando as mesmas funções. Questionaram o fato de haver menos negros em posições profissionais de destaque na sociedade, em comparação com os brancos. Também mencionaram o fato de algumas crianças ainda abandonarem a escola a fim de trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias. Alguns alunos se pronunciaram sobre a importância de uma remuneração justa como forma de melhor distribuição de renda, o que considerei uma observação muito madura tendo em vista a idade deles.

6.2.5 Produção do primeiro texto

Construímos nossa primeira crônica juntos. Escrevi no quadro o que me ditavam, após uma tentativa de consenso com as sugestões dadas.

Meu primeiro trabalho

Há vários momentos que marcam nossa vida. O primeiro emprego é uma delas.

Comecei empolgada, pensando em como seria meu currículo já que nunca havia trabalhado antes. Mas já havia estudado muito: estava cursando o mestrado em Direito na UFMG.

Não foi fácil conseguir meu primeiro emprego em um escritório de advocacia que remunerava mal seus empregados mais novos. Contudo, algo diferente aconteceu: havia uma causa trabalhista muito difícil, envolvendo a defesa de direitos garantidos das empregadas domésticas, ameaçadas pelas patroas. Eu fazia parte do grupo de advogados.

Depois de um tempo e muito aprendizado com causas ganhas e perdidas, montei meu próprio escritório. Assim pude ter mais autonomia, o que foi muito bom. Pegava várias causas diferentes para aprender mais e depois ver com qual eu trabalharia.

Um certo dia, apareceu um homem desesperado e me pediu para defendê-lo porque estava sendo acusado de ter assassinado a esposa. Perguntei se era verdade e ele me disse que não. Não sei por que acreditei nele e o defendi. Conseguimos descobrir que a esposa tinha sido assassinada por uma mulher que era apaixonada pelo meu cliente e o queria só para ela. A assassina foi presa e meu cliente ficou livre da acusação.

Nunca eu tinha sentido tanta alegria em defender alguém. Foi assim que descobri minha verdadeira vocação como advogada criminal.

Turma 711.

Em conversa com os alunos, decidimos criar um grupo no Facebook, “Turma 711”, para onde eu enviaria os textos com as respectivas correções. Para tanto, enviei uma solicitação aos pais, para que dessem sua autorização.

Adicionei os alunos, intensificamos nosso contato, estreitando mais a relação professor/aluno. Os alunos também aproveitaram deste espaço para conversarem entre si, estreitando, assim, o laço entre eles.

Propus aos alunos uma “lista de controle” com itens a serem observados em cada texto. Nessa atividade, cada dupla de alunos deveria ler o seu texto e observar se os pontos constantes da lista tinham sido observados nas produções. Nesta lista de controle constavam os seguintes itens:

- a) Descrevemos a situação inicial?
- b) Introduzimos e descrevemos os personagens principais?
- c) Desenvolvemos a história de maneira satisfatória?
- d) Nosso texto apresenta um desfecho?
- e) Demos um título atraente a nosso texto?
- f) Utilizamos adequadamente os sinais de pontuação aprendidos?
- g) Estamos atentos à ortografia e utilizamos o dicionário quando temos dúvidas?

6.3 Terceira Oficina

Objetivos:

- Fomentar as primeiras produções textuais de forma individual, espontânea como gesto criador fundamental de expressão humana.
- Apresentar a palavra como expressão de uma determinada ideia.
- Relembrar as características linguísticas da crônica.
- Relembrar a história do Trabalho e a relação empregado/empregador.

6.3.1 Primeira etapa de atividades

Expliquei aos alunos que este primeiro momento seria de livre expressão, ou seja, que eles deveriam escrever o que lhes ocorresse, sem se preocupar muito com a forma, a maneira pela qual o faziam.

Duração: 4 aulas

1 – Planejamos nossa escrita conforme combinamos. Com base em nosso conhecimento sobre as características da crônica e o tema em questão, vocês vão redigir o primeiro texto do nosso projeto, lembrando que construiremos juntos um *e-book* que também será publicado no blog da escola e no *site* do Sindicato dos Metalúrgicos. Vale relembrar que o primeiro texto será analisado com a intenção de solucionar alguns problemas que eventualmente apareçam e para que vocês também avaliem a própria escrita e sempre melhorem a linguagem utilizada. Ao final do processo, vamos comparar os textos inicial e final e ver o quanto apreendemos sobre o gênero textual crônica e o tema em questão! Vamos verificar os avanços em um processo de avaliação contínua visando sempre um amplo sentido do que pretendemos, por meio da interação uns com os outros, ora como escritores, ora como leitores. Iremos também ajudar àqueles que apresentarem maiores dificuldades para escrever, porque nossa escrita será colaborativa.

2 – Pedi aos alunos que pensassem no lápis ou caneta como uma extensão de seus dedos e escrevessem um texto a respeito do tema estudado. Poderia ser uma crônica ou qualquer outro gênero já estudado anteriormente. A primeira escrita foi individual. Logo após, as duplas trocaram as primeiras impressões um aluno sobre o texto do outro e começaram, conjuntamente, a escrever o texto.

A professora

O professor é desvalorizado, pois ganha pouco e trabalha muito. E tem que ensinar para aqueles que não querem. Para aumentar um pouco o salário, tem que estudar mais: Pós graduação, Mestrado, Doutorado...

Uma professora, por exemplo, já batalhou muito para ensinar. Tratava todos iguais, até os alunos sem disciplina. Um dia, a professora estava ensinando matéria de prova e viu um aluno chamado Paulo mexendo no celular. Ela foi até ele e lhe pediu para guardar. Ele não quis guardar e deu uma má resposta. Ela falou que iria à diretoria, quando foi surpreendida por uma cadeira jogada por ele. Ela caiu no chão, costas sangrando, olhos molhados de lágrimas e tristeza. Os alunos correram até a diretoria e contaram o acontecido. A diretora, muito zangada e triste ao mesmo tempo, chamou uma ambulância (não houve ferimentos graves, mas na alma). O aluno foi expulso.

Uma semana depois, a professora voltou à escola e todos os alunos a receberam de braços abertos e perguntavam: “Como você está?” ou “Eu gosto muito de você!”. E vendo o lugar de Paulo vazio, a professora questionou os alunos onde ele estava. E eles disseram que foi expulso. A professora foi até a diretoria e pediu para deixar Paulo retornar. Depois foi na casa dele e Paulo pediu-lhe desculpas. Ela pediu para ele voltar para a escola, e explicou que a diretora o deixou voltar. Os dois se reconciliaram.

No dia seguinte, Paulo voltou para a escola e os alunos estranharam a sua volta e logo se reconciliaram no mesmo espírito que a professora: o do perdão.

Luiz Fernando e Mateus Henrique.

Luiz e Matheus, vocês escreveram um texto. Parabéns. Mas precisam caracterizar mais as personagens e o espaço onde se passa a história.

Agora, reescrevam seu texto explorando mais o tema “A relação de trabalho”.

Tentem lembrar o que discutimos em sala de aula, as entrevistas, nossa visita ao Sindicato dos Metalúrgicos. Não se esqueçam de nossa lista de controle.

Dulcinéia.

A professora

O professor é desvalorizado, pois ganha pouco e trabalha muito. E tem que ensinar também para aqueles que não querem. Para aumentar um pouco o salário, tem que estudar mais: Pós graduação, Mestrado, Doutorado...

Maria, uma professora da escola onde estudo, por exemplo, já batalhou muito para ensinar. Tratava todos iguais, até os alunos sem disciplina. Um dia, a professora estava ensinando matéria de prova e viu um aluno chamado Paulo mexendo no celular. Ela foi até ele e lhe pediu para guardá-lo. Ele não quis guardar e deu uma má resposta. Ela falou que iria à diretoria, quando foi surpreendida por uma cadeira jogada por ele. Ela caiu no chão, costas sangrando, olhos molhados de lágrimas e tristeza. Os alunos correram até a diretoria e contaram o acontecido. A diretora, muito zangada e triste ao mesmo tempo, chamou uma ambulância (não houve ferimentos graves, mas na alma) para socorrer a professora. O aluno foi expulso.

Uma semana depois, a professora voltou à escola e todos os alunos a receberam de braços abertos e perguntavam: “Como você está?” ou afirmavam: “Eu gosto muito de você!”. E vendo o lugar de Paulo vazio, a professora questionou os alunos onde ele estava. E eles disseram que foi expulso. A professora foi até a diretoria e pediu para deixar Paulo retornar. Depois foi na casa dele e Paulo pediu-lhe desculpas. Ela pediu para ele voltar para a escola, e explicou que a diretora o deixou voltar. Os dois se reconciliaram.

No dia seguinte, Paulo voltou para a escola e os alunos estranharam a sua volta e logo se reconciliaram no mesmo espírito que a professora: o do perdão.

Nenhum trabalho é fácil. Mas há trabalhos mais difíceis que outros. Ensinar é um deles. Não é fácil ensinar, principalmente para aqueles que, além de não quererem aprender, são violentos.

Meninos, parabéns por terem melhorado a crônica com mais informações importantes para torná-la mais atraente.

Dulcinéia.

O pedreiro

Um dia, José foi arrumar um emprego e conseguiu como pedreiro. No dia seguinte, foi trabalhar. O chefe o auxiliou no seu novo emprego e José fez muitos amigos. No fim do dia, chegou em casa, contou as novidades do emprego. Sua família gostou das novidades e deu-lhe os parabéns.

No dia seguinte, José acordou disposto a trabalhar e ganhar o seu dinheiro que compra o pão de cada dia. Chegando no trabalho, ele recebeu pedidos para ajudar os pedreiros e, ajudando com boa vontade, recebeu elogios e novos pedidos. O chefe o parabenizou e José ganhou uma oferta de emprego que aceitou porque assim receberia um salário maior. Chegando em casa, feliz, falou sobre o aumento de salário e teve uma idéia de poupar o dinheiro para comprar um carro no futuro.

Depois de um ano, ele sacou seu dinheiro e comprou um carro. A sua família viajou para a praia no Rio de Janeiro. Divertiram-se muito e tiveram a ideia de mudar para lá. José ligou para o chefe e teve uma boa notícia: havia uma vaga no Rio. Ele e sua família ficaram muito felizes, e decidiram mudar para uma casa de aluguel no centro.

No dia seguinte, José foi para a empresa e todos os colegas de trabalho o trataram bem. O novo chefe o instruiu para o novo trabalho. Pouco tempo depois, já tinha vários amigos.

Alguns anos depois, com o dinheiro de seu esforço, comprou uma casa grande na praia e todos os fins de semana a família ia reunida à praia.

Matheus Henrique e Eduardo.

Parabéns! Vocês fizeram um conto. Caracterizem mais as personagens e os espaços onde se passam a história. Esclareçam também alguns fatos:

- a) Qual a nova proposta de trabalho que José recebeu? Onde?
- b) Faltam alguns outros dados para completar o sentido de seu texto.
- c) Será que o conto retrata a vida que a maioria das pessoas têm no trabalho?

Agora a releiam o conto com atenção e tentem melhorá-lo lembrando-se de tudo que discutimos em sala e de nossa lista de controle.

Dulcinéia.

O pedreiro

Um dia, José, morador de uma cidade do interior do Rio de Janeiro, foi arrumar um emprego e conseguiu como pedreiro em uma construção. No dia seguinte, foi trabalhar. O chefe o auxiliou no seu novo emprego e José fez muitos amigos. No fim do dia, chegou em casa, contou as novidades do emprego. Sua família gostou das novidades e deu-lhe os parabéns.

No dia seguinte, José acordou disposto a trabalhar e ganhar o seu dinheiro que compra o pão de cada dia. Chegando no trabalho, ele recebeu pedidos para ajudar os pedreiros e, ajudando com boa vontade, recebeu elogios e novos pedidos para trabalhar em outras construções. O chefe o parabenizou e José ganhou uma oferta de emprego que aceitou porque assim receberia um salário maior. Era numa empresa de construção civil com sede no Rio de Janeiro, capital. Chegando em casa, feliz, falou sobre a nova proposta de trabalho que recebeu. Disse que lá teria um salário melhor. Sua família o apoiou e José teve uma ideia de poupar o dinheiro para comprar um carro no futuro.

Depois de um ano de trabalho, ele sacou seu dinheiro e viu que o dinheiro não era suficiente para comprar um carro. Continuou trabalhando para, além de sustentar sua família, realizar seu sonho de ter um carro. A sua família viajou com ele para uma praia no Rio de Janeiro. Divertiram-se muito e tiveram a ideia de mudar para lá, caso houvesse uma vaga na empresa. José ligou para o chefe porque sabia e teve uma boa notícia: havia uma vaga de emprego no Rio e ele poderia ocupá-la. Ele e sua família ficaram muito felizes, e decidiram mudar para uma casa de aluguel no centro da cidade.

No dia seguinte, José foi para a empresa e todos os colegas de trabalho o trataram bem. O novo chefe o instruiu para o novo trabalho. Pouco tempo depois, já tinha vários amigos.

Alguns anos se passaram e, com o dinheiro de seu esforço, comprou o tão sonhado carro e uma casa na praia a prestação. Todos os fins de semana a família ia reunida tomar um banho de mar.

Parabéns, meninos. Vi que compreenderam bem o bilhete e melhoraram o conto de vocês com mais informações, o que o tornou mais compreensível e atraente.

Dulcinéia.

Jornada dos direitos trabalhistas

Em primeiro de maio de 1886, eu estava a caminho da fábrica, em Chicago, Estados Unidos. Vi uma multidão reunida na rua. Eles estavam com faixas, cartazes e gritavam: “Direitos dos trabalhadores já!”. Eles queriam a redução das horas diárias de trabalho de 13 para 8 horas. Alguns minutos depois, policiais atacavam os manifestantes: com armas, bombas. Várias pessoas morreram, mas o esforço e dedicação dos manifestantes fizeram com que o governo aceitasse o apelo da redução das horas diárias de trabalho. As pessoas não morreram em vão, pois graças a eles, os trabalhadores ficaram mais tempo com suas famílias.

Mudei para Paris, fui trabalhar na filial da fábrica de Chicago. Em uma manhã, no dia 20 de junho de 1889, sentei no sofá e peguei meu jornal diário. Na capa, estava uma notícia muito boa: “A Segunda Internacional Socialista criou o dia Mundial do Trabalho com data em 1º de maio, em homenagem aos trabalhadores mortos na manifestação em Chicago, EUA”.

Depois de um ano, me casei, tive dois filhos, e aproveitei das horas que passei com minha família. Trabalhei vários anos e, enfim, me aposentei. Comprei uma casa de praia e em 1924 mudei para o Brasil. Fiquei sabendo que no Brasil o dia do Trabalho não era feriado.

No ano de 1925, porém, o presidente Arthur Bernardes assinou o decreto que oficializou o dia do Trabalho no dia 1º de maio.

Luiz Fernando e Matheus Henrique

Meninos, parabéns pelo conto que escreveram. Observo que aproveitaram bem também a aula de História. Contudo acredito que possam, com o conhecimento e habilidade que já manifestaram, voltar ao planejamento inicial, fornecer mais informações sobre a personagem, implementar a história. Retomem a lista de controle. Lembrem-se de que os textos de vocês farão parte de nosso e-book!

Dulcinéia.

Jornada dos direitos trabalhistas

Em primeiro de maio de 1886, eu estava a caminho da fábrica, em Chicago, Estados Unidos. Vi uma multidão reunida na rua. Eles estavam com faixas, cartazes e gritavam: “Direitos dos trabalhadores já!”. Eles queriam a redução das horas diárias de trabalho de 13 para 8 horas.

Apesar de nunca ter participado de movimentos deste tipo por medo de punições e ter uma família para sustentar, me aproximei e resolvi participar porque considerei a causa justa. Alguns minutos depois, policiais atacavam os manifestantes: com armas, bombas. Várias pessoas morreram, outras ficaram feridas, mas o esforço e dedicação dos manifestantes fizeram com que o governo aceitasse o apelo da redução das horas diárias de trabalho. As pessoas não morreram em vão, pois graças a eles, os trabalhadores ficaram mais tempo com suas famílias.

Mudei para Paris, fui trabalhar na filial da fábrica de Chicago. Em uma manhã, no dia 20 de junho de 1889, sentei no sofá e peguei meu jornal diário. Na capa, estava uma notícia muito boa: “A Segunda Internacional Socialista criou o dia Mundial do Trabalho com data em 1º de maio, em homenagem aos trabalhadores mortos na manifestação em Chicago, EUA”.

Depois de um ano, me casei, tive dois filhos, e aproveitei das horas que passei com minha família. Trabalhei vários anos e, enfim, me aposentei. Comprei uma casa de praia e em 1924 mudei para o Brasil. Fiquei sabendo que no Brasil o dia do Trabalho não era feriado.

No ano de 1925, porém, o presidente Arthur Bernardes assinou o decreto que oficializou o dia do Trabalho no dia 1º de maio. Foi uma alegria só! Os brasileiros como ninguém sabem comemorar uma data, ainda mais tão justa.

Devemos agradecer a todos os trabalhadores que lutaram tão bravamente por todos nós.

Luiz Fernando e Matheus Henrique

Parabéns, meninos. Vejo que o conto de vocês melhorou muito. Continuem exercitando a escrita porque estão indo muito bem..

Dulcinéia.

Por que o trabalho é importante?

Trabalhar é importante porque ajuda a melhorar as condições financeiras, ajuda a pagar as contas de luz, água, energia e etc... O trabalho traz para nós mesmos muita dignidade, como o trabalho dos professores. Eles ajudam os alunos a aprenderem coisas novas.

Muitas pessoas, mesmo aposentadas, continuam a trabalhar. Para essas pessoas, o trabalho é importante para conseguir dinheiro.

No mundo todo, pessoas de vários lugares gostam do trabalho, não só por dinheiro, mas também por prazer. E é verdade. O trabalho que a gente faz não é só por dinheiro, mas nós temos que fazer também por gostar.

Um dia, um garoto chamado Luiz foi até o seu pai e perguntou-lhe:

- Pai, você sabe que dia é hoje?

- Sim. Hoje é segunda feira.

- Não, pai, hoje é dia de levar o filho ao trabalho.

- Ah, então é hoje! Como sempre você não vai querer ir no meu trabalho, não é?

- Na verdade, hoje eu queria ir com você, pai.

- Então vamos, filho...

- Legal! Eu estou louco para ver como é o seu trabalho, pai.

Chegando lá...

Brenda e Gustavo.

Continuem a produção do texto, meninos. Parabéns por estarem escrevendo um conto. Mas precisam prestar muita atenção ao que escrevem. Por exemplo: vocês iniciam o texto se referindo ao trabalho como resolução das questões financeiras, depois disseram que o aposentado trabalha por dinheiro e afirmam que o trabalho também traz prazer. Na verdade, o labor pode e deve ser conciliado com o prazer, mas precisam decidir como escrever a forma como vocês veem o trabalho. Tenham cuidado também com a repetição de ideias.

Releiam com atenção o que já escreveram e lembrem-se do que aprendemos, bem como de nossa lista de controle.

Dulcinéia.

Por que o trabalho é importante?

Trabalhar é importante porque ajuda a melhorar as condições financeiras, ajuda a pagar as contas de luz, água, energia, etc. O trabalho também traz para nós mesmos muita dignidade, como o trabalho dos professores. Eles ajudam os alunos a aprenderem coisas novas.

Muitas pessoas, mesmo aposentadas, continuam a trabalhar. Para essas pessoas, o trabalho é importante para conseguir dinheiro e porque sabem que não faz bem à cabeça ficar sem fazer nada.

No mundo todo, pessoas de vários lugares gostam do trabalho, outras trabalham só por obrigação e outras nem trabalham. Algumas não trabalham porque não conseguem arrumar emprego. Outras, porque não querem mesmo trabalhar e vivem à custa daquelas que trabalham. É verdade.

Um dia, um garoto chamado Luiz foi até o seu pai que trabalhava em um escritório e perguntou-lhe:

- Pai, você sabe que dia é hoje?

- Sim. Hoje é segunda-feira.

- Não, pai, hoje é dia de levar o filho ao trabalho.

- Ah, então é hoje! Como sempre você não vai querer ir no meu trabalho, não é?

- Na verdade, hoje eu queria ir com você, pai.

- Então vamos, filho...

- Legal! Eu estou louco para ver como é o seu trabalho, pai.

Chegando lá, Luiz viu como era o trabalho do pai e percebeu que ele quase não ficava parado, estava sempre trabalhando atendendo ao chefe dele. Percebeu que o dinheiro que seu pai ganhava era muito suado.

A partir daquele dia, Luiz pensava muito antes de pedir alguma coisa a seu pai e passou a admirá-lo mais. Também pensou que seria muito bom se estudasse mais para escolher uma boa profissão.

Brenda e Gustavo

Meninos, parabéns. Observo que compreenderam o bilhete, assim como o tema do projeto. Agora o conto de vocês ficou melhor.

Dulcinéia

Orgulho do Trabalho

Havia um homem que era pedreiro. Não valorizava seu trabalho, pois achava que não era importante. Certo dia, ele foi conversar com seu amigo advogado e disse que seu trabalho não era importante para a sociedade e que não fazia diferença para ninguém. Já o trabalho dele era muitíssimo importante. Então seu amigo lhe disse:

- Seu trabalho é muito importante porque sem ele não haveria casas lindas e prontas, prédios altos para as pessoas morarem e nem nada disso, por isso o seu trabalho é muito importante; tanto quanto o meu!

Ainda não convencido disse:

- Meu trabalho não é tão importante quanto o seu. Eu queria ter estudado para ser um médico, um advogado ou qualquer outra coisa importante, mas não consegui estudar e hoje me arrependo de não haver tentado mais. Por isso o estudo é a chave para o sucesso e um trabalho bom!

- Sim, o estudo é sim muito importante, mas isso não significa que seu trabalho não seja útil. Sem ele onde moraríamos? Quem construiria casas e prédios? Esse foi o dom que Deus lhe deu, você deveria dar valor, pois tanta gente queria ter um trabalho como o seu e você não gosta do seu trabalho! É um trabalho digno, você não rouba, nem mata, nem ofende ninguém. Então eu acho que todos os trabalhos são sim muito importantes, nem um mais que o outro, nem outro mais que um. Todos são iguais. Acho que você deve sim ter muito orgulho do que você faz e de onde você trabalha! – disse o amigo

- Agora eu sei que meu trabalho é tão importante quanto o seu. Obrigado! Agora sim tenho orgulho do que faço – disse ele.

Tenha sempre orgulho do seu trabalho, pois tem tanta gente que quer trabalhar e não pode! Nem um trabalho é melhor que o outro. Lembre-se disso!!!

Dayane e Débora

Parabéns! Vocês escreveram um bom texto. Percebi que compreenderam o tema proposto também. Contudo saibam que mesmo que vários pedreiros não tenham estudado muito na escola, precisam aprender sobre diversos assuntos, caso queiram ser bons profissionais. O que a vida requer cada dia mais.

Agora, releiam o texto que produziram e tentem melhorá-lo para ficar ainda mais atraente. Lembrem-se de tudo que aprendemos em sala de aula e fora dela também. Não se esqueçam de nossa lista de controle.

Dulcinéia.

Orgulho do Trabalho

Havia um homem que era pedreiro. Não valorizava seu trabalho, pois achava que não era importante. Certo dia, ele foi conversar com seu amigo advogado e disse que seu trabalho não era importante para a sociedade e que não fazia diferença para ninguém. Já o trabalho dele era muitíssimo importante. Então seu amigo lhe disse:

- Seu trabalho é muito importante porque sem ele não haveria casas lindas e prontas, prédios altos para as pessoas morarem e nem nada disso, por isso o seu trabalho é muito importante; tanto quanto o meu!

Ainda não convencido disse:

- Meu trabalho não é tão importante quanto o seu. Eu queria ter estudado para ser um médico, um advogado ou qualquer outra coisa importante, mas não consegui estudar e hoje me arrependo de não haver tentado mais. Por isso o estudo é a chave para o sucesso e um trabalho bom!

- Sim, o estudo é sim muito importante, mas isso não significa que seu trabalho não seja útil. Sem ele onde moraríamos? Quem construiria casas e prédios? Esse foi o dom que Deus lhe deu, você deveria dar valor, pois tanta gente queria ter um trabalho como o seu e você não gosta do seu trabalho! É um trabalho digno, você não rouba, nem mata, nem ofende ninguém. Então eu acho que todos os trabalhos são sim muito importantes, nem um é mais que o outro, nem outro mais que um. Todos são iguais. Acho que você deve sim ter muito orgulho do que você faz e de onde você trabalha! Além disso, para ser um bom pedreiro você precisar entender de muitas coisas. Por exemplo, você tem que fazer vários cálculos para que nada dê errado e também não haja desperdício de materiais de construção – disse o amigo.

- Agora eu sei que meu trabalho é tão importante quanto o seu. Obrigado! Agora sim tenho orgulho do que faço – disse ele.

Tenha sempre orgulho do seu trabalho, pois tem tanta gente que quer trabalhar e não pode! Nem um trabalho é melhor que o outro. Lembre-se disso!!!

Parabéns, meninas. O texto de vocês agora ficou ainda melhor! Dulcinéia.

Valorização do trabalhador

Eu fiquei sabendo de um rapaz de uns vinte e poucos anos que saiu da roça só com a roupa do corpo e foi para BH. Entrou na empresa antiga, Belgo Mineira. Ficou lá uns dois anos na empresa e tentou trabalhar no lava jato (??), mas não conseguiu.

Foi para Nova Era, entrou no trabalho rural: foi colher café, plantar milho. Não gostou muito, porque o salário era baixo. Foi pra Itabira, tentou entrar na mesma empresa de BH.

Mas lá estava em uma baixa mineração (??). Conseguiu entrar, mas não ficou uma semana e saiu. Veio pra João Monlevade para trabalhar como servente de pedreiro, uma profissão honrada.

Um certo dia, foi entregar uns pães numa casa (??) e a empregada o recebeu, mas fez uma falta de educação enorme. A dona da casa perguntou:

- Quem é?

A empregada falou:

- É um desempregado (??).

A dona de casa falou que era pra dispensar o rapaz que se sentiu deprimido.

Saiu do emprego e entrou na Arcelor Mittal. Lá ele conseguiu comprar casa, carro. Também se casou e teve dois filhos.

Daniel Guerra e Felipe Cosme

Conseguiram fazer um texto. Parabéns. Vejo que se inspiraram na crônica “O Padeiro” de Rubem Braga.

Mas precisam ter mais cuidado ao redigir! Há partes confusas no texto de vocês que precisam ser corrigidas porque estão contraditórias. Revejam e reescrevam o texto para que possam melhorá-lo. Atentem, principalmente, para onde estão os pontos de interrogação. Vamos também conversar a respeito do texto. Continuem o trabalho! Lembrem-se de nossa lista de controle.

Dulcinéia.

Valorização do trabalhador

Eu fiquei sabendo de um rapaz de uns vinte e poucos anos que saiu da roça só com a roupa do corpo e foi para BH. Entrou na empresa Arcelor Mittal. Ficou lá uns dois anos trabalhando na empresa, mas foi demitido porque a empresa estava sendo toda informatizada e seu dono também queria economizar no pagamento aos trabalhadores. Ele tentou trabalhar em um lava jato da cidade, mas não conseguiu.

Foi para Nova Era para trabalhar na área rural: foi colher café, plantar milho. Não gostou muito, porque o salário era baixo. Depois foi pra Itabira, tentou entrar na empresa Vale do Rio Doce.

Mas lá os trabalhadores estavam em greve por conta dos baixos salários. Já no fim da greve, ele conseguiu ser admitido na empresa, mas não ficou uma semana e saiu. Veio pra João Monlevade para trabalhar como servente de pedreiro, uma profissão honrada.

Um certo dia, foi visitar um velho amigo. Mas estava todo sujo porque tinha acabado de sair do serviço. A empregada da casa de seu amigo o recebeu, mas fez uma falta de educação enorme. A dona da casa perguntou:

- Quem é?

A empregada falou:

- É um homem todo sujo.

A dona de casa falou que era pra dispensar o rapaz e ele se sentiu deprimido, afinal todo mundo é alguém.

Saiu do emprego e entrou na Arcelor Mittal. Lá ele conseguiu comprar casa, carro. Também se casou e teve dois filhos. Tudo isto o deixou muito feliz porque ele sabia que era alguém.

Agora o texto de vocês ficou bem melhor. Parabéns pelo esforço em aprender. Continuem a praticar a escrita que irão melhorar cada dia mais.

Dulcinéia.

6.3.2 Segunda etapa de atividades

Duração: 3 aulas.

Discuti com cada dupla de alunos, com base na minha análise da primeira versão do texto deles. Procurei esclarecer-lhes as dúvidas e ver todas as dimensões de seu texto, as novas metas a superar, e compreendi melhor as necessidades deles e a origem de alguns de seus erros. Disse-lhes que após concluíssem seus textos, poderiam escrever outros, de qualquer gênero que quisessem, sobre o nosso tema proposto.

O trabalho de leitura e/ou revisão dos textos dos alunos foi realizado com base no entendimento de que a produção do estudante é uma resposta a uma proposta feita pelo professor. O aluno, ao escrever, responde a uma proposta e espera, do professor, uma resposta – “toda compreensão é prenhe de resposta” (BAKHTIN, 2011, p.271).

Àqueles cujos textos não foram escolhidos, motivei-os da mesma forma a melhorá-los e também a escrever em novos gêneros textuais sobre o mesmo tema. Acreditamos que podemos nos sentir mais à vontade para escrever sobre determinado tema, em determinado gênero textual. Assim, muito embora devamos ensinar todos os gêneros textuais dentro da prática social na qual estamos inseridos, não o podemos restringir, quando o aluno manifesta vontade em escrever outro gênero textual.

Foi exatamente o que aconteceu. Os alunos escreveram outros gêneros textuais sem perder o foco no tema proposto, fazendo-nos atingir o objetivo de ensinar o gênero textual crônica por meio das atividades de leitura, sem contudo nos prender a este gênero nas atividades de produção de texto.

6.4 Quarta oficina

Objetivos:

- Escrever em dupla a primeira versão do texto final.
- Fazer a revisão e o aprimoramento do texto produzido a partir da correção da professora.

6.4.1 Primeira etapa de atividades/orientação aos alunos

Duração: 2 aulas.

“Sabemos que todos somos capazes de escrever textos. Agora é a hora de realmente colocarmos no papel o que aprendemos e desejamos comunicar. Chegou a hora tão esperada! Caprichem no texto de vocês e mostrem a si mesmos do que são capazes. Lembrem-se de que os textos de vocês farão parte de um e-book cujo lançamento está previsto para dia vinte e três de junho, no Sindicato dos Metalúrgicos, e vinte e cinco de junho, em nossa escola, quando serão lidos pela comunidade escolar. Façam a reescrita observando tudo que indiquei que vocês podem alterar, tanto nos bilhetes orientadores, quanto em nossas conversas. Não se esqueçam das respectivas explicações e de nossa “lista de controle”, para aprimorar cada vez mais a sua escrita. Qualquer dúvida ou discordância será resolvida de forma alternada com cada dupla. Bom trabalho!”

Tal orientação permite ao professor colocar-se na posição de coautor do texto do aluno, estabelecendo com ele uma relação dialógica. Nesse sentido, ao final do texto de cada um, escrevemos bilhetes que pretendiam não somente orientar a reescrita, mas fazê-los perceber-nos como leitores de seus trabalhos, portanto interessadas no que tinham a dizer.

Pude observar que mesmo dando-lhes oportunidade para escreverem outros gêneros textuais, alguns alunos continuavam tentando produzir crônicas e manifestavam prazer em fazê-lo no laboratório de informática, para onde nos dirigíamos sempre que possível. Outros fizeram paródias, poemas a respeito do tema em questão. Lemos todos em sala de aula e escolhemos aqueles que comporiam nosso e-book, da mesma forma como fizemos com as crônicas escolhidas. Contudo, como não faz parte do escopo deste projeto, não apresentaremos o processo de reescrita destes textos em oficinas, mas apenas sua versão final.

Como algumas duplas de alunos apresentassem dificuldades em produzir as crônicas ou outro gênero textual, sugeri-lhes, como forma de motivação inicial, que produzissem frases, slogans, sobre o tema estudado,

apesar de saber de sua complexidade. Contudo acredito que tenham pensado ser mais simples escrever os slogans porque aderiram, rapidamente, à ideia.

Reconhecemos que estamos todos vivendo atualmente a cultura imagética e, como não poderia deixar de ser, atendemos aos alunos que manifestaram desejo em ilustrar os próprios textos e os textos dos colegas. Isto também possibilitou que ressignificassem tudo o que aprenderam até então.

Também nas disciplinas de Geografia e História os alunos realizaram atividades de leitura e escrita. Como produto final do tema ensinado “A história do trabalho”, produziram um vídeo e outros gêneros textuais orais e escritos como, apresentações, cartazes que expuseram no saguão da escola.

Não podemos deixar de relatar também os problemas recorrentes ocorridos durante a execução do projeto, como as falhas do sistema no tocante ao acesso à internet e nossa ainda pouca habilidade no manejo das ferramentas digitais. Acreditamos que a cobrança das famílias quanto ao ensino da gramática entendida como o ensino das nomenclaturas gramaticais, não caracteriza em si um problema já que, tradicionalmente, é esta a visão que têm do ensino de língua materna. De qualquer forma, tivemos que, em vários momentos, explicar-lhes o que estávamos fazendo. O que é um direito das famílias e um dever nosso, enquanto professores, elucidar.

Acredito que o projeto tenha contribuído para transformar os alunos em protagonistas da própria aprendizagem. Criamos um canal comunicativo que estreitou a nossa relação, enchendo-a de mais admiração e respeito mútuo, o que pude observar por meio de suas avaliações ao final do processo, quando registrei um pouco do que quase todos alunos falaram em seu depoimento acerca de nosso projeto.

Todos são importantes!

Todo trabalho deve ser valorizado.

E nenhum desprezado.

Cada um, com sua importância na sociedade.

E todos devem ter amizade.

O pedreiro, por exemplo, é importante

Porque constrói casas a todo instante.

O motorista transporta

Pessoas de porta a porta.

O médico cuida dos pacientes

E dos seus queridos entes.

O padeiro faz o pão

Com sua própria mão.

Luiz Henrique

Meu trabalho, Meu Orgulho

Acordei cedo pronto pro meu primeiro dia de trabalho, pois eu me esforcei muito para chegar até aqui. Esse trabalho é muito importante, não só para mim, mas também para as pessoas que precisam dele.

A partir de hoje sou um médico novato, e tenho muito orgulho disso. Eu fiz vários anos de faculdade, embora tenha sido difícil, mas eu tinha vontade, e com muito esforço eu estou aqui hoje.

Cuidar das pessoas doentes é um trabalho muito importante, mas não só isso. Há vários outros empregos importantes, como o carteiro, o agente de saúde, a cozinheira da escola, o professor...

O trabalho faz parte da vida de todas as pessoas, inclusive sua também, pois o trabalho de certo alguém lhe ajuda muito e você deveria ser grato por isso e trabalhar bastante para ajudar os outros e a você mesmo.

Bilhete para o padeiro

Senhor padeiro, me desculpe por aquele dia em que eu disse que o senhor não era ninguém. Eu estava estressada, porque meu trabalho como empregada é muito estressante e sei que você deve ter se esforçado para fazer e entregar os pães! Me desculpe se magoei você porque ofendi seu trabalho duro. Espero que possamos conversar calmamente sobre isso.

João Monlevade, 25 de maio de 2015.

EM MÃOS

De Cláudia.

Para: Padeiro

Luidy e Mariana.

A Discriminação No Trabalho

Ainda não trabalho, mas não podia aceitar total discriminação contra as pessoas no trabalho. Só porque são diferentes, são deficientes, não é motivo para subestimá-las. A mulher, por exemplo, só porque determinado trabalho é pesado para ela, não é motivo para não deixá-la trabalhar. Não podemos deixar essa discriminação assim e devemos defender nossos direitos como futuros trabalhadores para que não aconteça qualquer tipo de violência e preconceito contra ninguém.

lane

Frases

- 1 Apenas querer a recompensa sem trabalhar, o que vai adiantar?
- 2 O trabalho é o mastro que segura e sustenta a minha família.
- 3 Estudo, esforço, vontade e vamos ao trabalho!
- 4 Não trabalha, não faz esforço, só tem preguiça, e ainda tem coragem de dizer: o que falta na minha vida?
- 5 Trabalhar não é só fazer o que gosta, mas sim o que é preciso!
- 6 O que qualquer um quer ser quando crescer? Um grande trabalhador!
- 7 Um trabalhador com honra é um trabalhador dedicado.

lane.

Professora

Te agradeço por me ajudar,
E por me adorar.

Você me ensinou a falar o ABC,
E eu amo você.

Me ensinou a somar,
Então vamos juntas vibrar

OBRIGADA!

Emanuelle e Gabrielle

Paródia da canção “Pais e Filhos” (Legião Urbana)

Prédios e paredes pintadas,
Ninguém sabe o que aconteceu.
O trabalhador se jogou da janela do quinto andar,
Todos fingem não entender.

Dorme tarde.

Passando fome,
E sem dinheiro, a família
Foi pra rua porque moravam de aluguel.

E meus filhos
Que futuro vão ter?
Eu quero que tenham mais oportunidades.

É preciso respeitar os trabalhadores,
Como se não houvesse o amanhã.
Se você parar pra pensar,
Deles você vai precisar.

Me dizem por que fazem assim ?
Me expliquem por que não me dão valor ?

Morava com minha mãe,
Mas meu pai falou para eu ir trabalhar.
Eu moro na rua, não tem ninguém.
Eu moro em qualquer lugar.
Já morei em tanta casa que nem me lembro
Mais. Eu morava com meus pais.

É preciso respeitar os trabalhadores
Como se não houvesse o amanhã.

Se você parar pra pensar
Deles você vai precisar.

Sou uma gota d água,
Sou um grão de areia.
Você culpa os trabalhadores por tudo.

Isto é um absurdo.
São pessoas como você.
O que você vai ser
Quando você crescer.

Autor da canção: Renato Russo
Autores da paródia: Amanda e Patrick

O operário em esquecimento

Levanto tarde, faço minhas obrigações e vou comprar material para meu pedreiro; ele tem que terminar minha piscina, mas tenho um grande problema.

Minha filha desrespeitou o Arthur que é nosso pedreiro. Ela o chamou de ninguém e de gente que não trabalha. Estou decidindo se eu a castigo, pois isso magoou Arthur. Eu conversei com ele, mas não adiantou.

Hoje ele veio atrás de mim para falar que iria parar de trabalhar, pois se sentiu inútil. Eu lhe disse:

- Se você fosse inútil eu não teria minha casa, minha piscina. Você sabia que os pedreiros têm uma ótima profissão? Sem eles ninguém teria educação, trabalho e casa.

Ele voltou a trabalhar, e aceitou as desculpas da minha filha. Quando ele acabou o trabalho com a piscina, minha esposa ficou grávida. Tivemos que nos mudar, pois na outra casa não havia espaço para o bebê. Nosso pedreiro teve que começar a piscina de novo e construir uma outra casa. Acho que agora ele sabe o quanto é importante...

Pedro

O trabalho

O trabalho é você fazer as coisas, como salvar vidas e inventar coisas novas, mas isso você faz se quiser. Os pais têm que incentivar os filhos a estudarem agora e trabalharem no futuro. Muitas pessoas vão para o caminho ruim porque não querem nem estudar nem trabalhar.

O trabalho no passado era difícil. Principalmente o salário, mas os trabalhadores lutaram muito e conseguiram que ele aumentasse um pouco. Os professores foram para as ruas no Paraná, porque eles não eram valorizados e alguns foram feridos.

Vários políticos são corruptos, e quase todo dia políticos são presos por desvio de dinheiro. Mas nem todos são corruptos, pois alguns são honestos.

Algumas pessoas acham que o político é desonesto e mentiroso, porque às vezes eles demoram a cumprir o que eles prometeram, e porque aumentam a conta de luz, e o preço da gasolina.

Alguns trabalhos não podem ser valorizados porque são ruins, como o tráfico de drogas, a venda de jogos de bicho e cds piratas e há vários trabalhos clandestinos no Brasil. Por isto não devemos comprar coisas piratas e nem drogas.

Quando crescermos, vamos querer ter um bom trabalho, um bom currículo e uma família para sustentar. Temos que dar um bom exemplo para os nossos filhos não seguirem o caminho errado.

João Lucas e João Marcelo.

Homenagem ao trabalhador

Houve uma manifestação em 1886 para a redução do horário de trabalho de 13 para 8 horas. Houve também dia 20 de Junho de 1889 a Segunda Internacional Socialista que definiu o dia 1º de Maio como dia mundial dos trabalhadores e esse dia foi oficializado no Brasil por Artur Bernardes, por meio de um decreto, em 1925.

Dia 28 de Abril, em Curitiba, aconteceu uma coisa inesperada. Houve outra manifestação envolvendo professores e policiais. O principal motivo foi para não tirarem os direitos dos professores. Com essa manifestação, foram feridos mais de 200 professores. Os alunos fizeram uma passeata pelas ruas em homenagem aos professores feridos.

Eduarda e Júlia.

Frases

1ª O sindicato é muito importante, pois defende e luta pelos direitos dos trabalhadores.

2ª O protesto é o meio que encontramos para reivindicar nossos interesses e direitos, mas só pode ser realizado pacificamente.

3ª Os policiais não podem jogar bombas e atirar nas pessoas que protestam em busca de direitos.

4ª O governo deve assegurar e cumprir as promessas feitas aos trabalhadores.

Luiz Fernando

Frases

1ª O trabalho é uma forma de ganhar dinheiro, e é essencial para a vida toda porque nossa família sente orgulho de nós, trabalhadores.

2ª Nós devemos agradecer às pessoas que sofreram física e moralmente para trazer melhorias para os trabalhadores.

Matheus

Da dúvida à certeza: para que trabalhar?

Eu estava no sofá da minha casa, vendo um noticiário de TV. Meu filho chegou ao meu lado e falou: “Pai, pra que a gente tem que trabalhar?”. Eu respondi: “Ora, meu filho, temos que trabalhar porque o trabalho nos dá um dinheiro para comprarmos as coisas, também distraímos e fazemos amigos.” E meu filho respondeu: “Legal, pai, não sabia que era tão importante!”. Eu respondi: “Se quiser, posso te levar ao meu trabalho, amanhã.”. Ele respondeu: “Quero sim.”.

Eu sou advogado, e trabalho em um escritório mal sucedido. O escritório tornou-se assim, por casos que não foram resolvidos. Já procurei emprego em outros escritórios melhores, mas eles só aceitam advogados veteranos. O motivo disso é o medo dos donos de aceitarem advogados recém formados, e acabar como o escritório que trabalho.

No dia seguinte, levei meu filho ao escritório, e expliquei tudo do trabalho que faço. E ele gostou muito e descobriu que queria ser advogado.

Depois de uns anos, ele se formou em Direito. Começou a trabalhar no escritório que eu trabalho. Com sucesso, ele resolveu vários casos e fez com que o escritório progredisse.

Depois de um ano, ele montou seu próprio escritório e perto de me aposentar, ele me chamou para trabalhar lá; eu aceitei. E fiquei orgulhoso dele. Nesse dia, me lembrei da pergunta que fez há muito tempo: “Pra que trabalhar?”. Seu escritório ficou conhecido em todo o Brasil, por sua competência.

Luiz Fernando

**Aos esforçados ou não,
de boa família ou não!**

Todos nós devemos reconhecer o trabalho de cada trabalhador, pois não é fácil receber um salário que sustente a família.

O trabalho é algo essencial para nossas vidas, para que consigamos fazer alguma coisa para ajudar outras pessoas além de nós mesmos. Toda pessoa tem direito de trabalhar.

Muitas pessoas trabalham sem gostar do que fazem para apenas receber um salário. Em muitas vezes, a pessoa não trabalha para ocupar seu tempo e sim para quitar suas dívidas. Em outras, as pessoas trabalham pelas duas razões.

Eduarda e Júlia

A faxineira

Levanto às cinco da matina para fazer café e arrumar a casa para eu e meu marido sairmos para trabalhar na casa de uma costureira famosa. Faço café, arrumo e dou banho nos seus filhos e meu marido é o mordomo.

Chego em casa e tenho que buscar os meus filhos na escola. Minha filha se chama Elisabet e meu filho se chama Samuel. São tudo de mais importante que eu tenho na vida, era o que eu achava, mas comecei a perceber que estava deixando a faxina e o trabalho em primeiro lugar.

Eu ganhava um dinheiro que não dava para comprar muita comida; eu dizia para eles não perderem a esperança de uma vida melhor, mas estava perdendo a minha. Meus filhos sempre me ajudavam. Quando um dia eles conseguiram cem reais, vendendo alguns bombons que eu havia feito, fiquei muito feliz com as atitudes deles e disse-lhes que podiam ficar com o dinheiro e comprar o que quisessem. Eles insistiram para eu ficar e comprar alimentos para casa, pois naquele dia eu não havia recebido.

Nós fomos ao supermercado juntos, e na compra veio um produto premiado. Ganhamos 150 mil reais. Quando fiquei sabendo dessa noticia, ajoelhei no chão e agradei a Deus.

Fiquei muito feliz e desde esse dia em diante, minha vida e dos meus filhos mudou para melhor. Consegui um novo trabalho e os meus filhos foram para uma escola melhor e essa foi a história da faxineira.

Analice e Bárbara.

Frases

1 O trabalho faz parte da nossa historia e do nosso dia a dia.

2 O trabalho não se aprende de um dia para o outro , mas sim ao longo do tempo.

3 O trabalho é uma atividade inexplicável e com dedicação e amor você conseguirá alcançar seus objetivos.

Analice e Bárbara.

Haicai

Necessidades do trabalhador:

Respeito, amor, compaixão, carinho

E além de tudo um objetivo na vida.

Analice e Bárbara.

O dia do trabalho

Certo dia, um homem chamado João estava desempregado porque ele tinha sido mandado embora. Mas tinha um problema: ele tinha dois filhos para alimentar, e não podia nesta condição. Ele alimentava seus filhos com o dinheiro que ele conseguia na rua fazendo malabarismo. Contudo não era o suficiente.

Um dia ele resolveu ir procurar um emprego. Chegando lá, ele conseguiu como pedreiro, mas ele foi mandado embora dois meses depois. Sua mulher, quando chegou em casa, viu que o marido estava desempregado novamente e tentou arrumar um serviço na agência onde ela trabalhava para ele.

- Eu consegui trabalho pra você, João!

- Ok, que dia começo?

- Hoje, às 23:00 h às 7:00h. Você quer trabalhar de vigia?

- Ok.

- Então vai se arrumar logo!

- Mas, amor, eu não gosto de trabalhar!

- Querido, entenda uma coisa: sem o trabalho não temos o que comer, como tomamos banho? Aliás a gente tem que pagar as contas. Eu, sozinha, NÃO consigo. Fica difícil!

- Entendo. Realmente você está certa! Vou me trocar.

No dia seguinte:

- Amor, trabalhar é muito bom.

- Agora vê se você valoriza, porque se não como faremos?

- Ok. Obrigado por me dar conselhos e me apoiar!

- Não tem que me agradecer, meu bem!

Brenda

Combatendo a escravidão

Eu sou negro e como todos de minha raça sou escravo. Nasci na Angola e fui trazido pelos colonizadores ao Brasil em 1869. Comecei a trabalhar, com 8 anos, no engenho.

No ano de 1885, eu estava trabalhando (como sempre), no engenho dos homens brancos. O chefe me mandou fazer uma tarefa: “Colha a cana-de-açúcar e estoque no meu depósito particular”. Mas eu pedi a ele que desse a mim e aos outros uma parte da colheita, para comprarmos comida, pois ele nos dava pouca comida. Ele negou, e me deu uma chicotada. Todos que reclamavam, ou não obedeciam, eram punidos severamente. Fiquei machucado e muito revoltado.

Estava cansado dos maus tratos dos homens brancos, e comecei a organizar os homens que queriam lutar pela liberdade. A maioria me seguiu, e juntos fugimos do engenho para o quilombo, onde há quase 200 anos era o quilombo dos Palmares. Seu líder era Domingos, bisneto de Zumbi. Quando cheguei, o Domingos fez de mim o seu braço direito, e eu era o segundo no comando.

Quando o senhor do engenho soube da nossa fuga, ficou furioso. E chamou o exército dos homens brancos pra ajudá-lo a destruir o quilombo e capturar e castigar seus escravos.

Infelizmente, o senhor do engenho conseguiu destruir o quilombo. A maioria dos negros morreram, enquanto os que pertenciam ao senhor do engenho foram levados de volta. E com certeza, foram castigados por terem fugido. Eu consegui fugir, com uns 50 homens. Domingos continuou nas ruínas do quilombo, lutando com o restante dos homens brancos. Um “irmão” nosso contou as nossas intenções ao senhor do engenho, em troca de liberdade.

Depois de um tempo, reconstruímos o quilombo e recrutamos mais homens. Depois de muitas lutas, a escravidão continuava e comecei a perder as esperanças.

Em 1888 porém a princesa Isabel assinou a lei Auréa que liberta todos os negros da escravidão. Felizes, a maioria dos negros saíram das casas dos senhores e foram viver por conta própria..

Me casei, tive três filhos e fui morar em uma casa, pequena, mas com certeza, é melhor que a senzala.

A escravidão foi abolida, mas ainda é praticada. Quando esse tormento vai acabar?

Luiz Fernando

Dia mundial do trabalho

No ano de 1886, aconteceu uma manifestação para diminuir a hora de trabalho de 13 para 8 horas de trabalho diário. A manifestação aconteceu em Chicago, nos Estados Unidos, onde houve muita morte de manifestantes e também de muitos policiais.

A segunda Internacional Socialista, em Paris no dia 21 de junho de 1889, criou o Dia Mundial do Trabalho, dia 1º de maio, em homenagem aos trabalhadores que lutaram por melhores condições de trabalho.

No Brasil, esta data foi comemorada oficialmente só a partir de 1925, quando foi assinado Decreto do Presidente Artur Bernardes.

Devemos ser gratos aos trabalhadores que lutaram por todos nós. Sem eles nossos pais talvez não teriam seus direitos trabalhistas garantidos por lei nem poderiam comemorar o Dia do Trabalho.

Camile e Pabline

O que significa o trabalho em nossas vidas

Conheci um cara que achava que o trabalho dele não tinha valor. Ele tinha a certeza de que não valia a pena aquele trabalho. Falava que o trabalho era chato e que não fazia diferença na vida dele.

Ele, um dia, se cansou do trabalho e disse:

- Não preciso desse trabalho chato, cansativo e trabalhoso!

Então ele foi embora do trabalho, achando que a vida ia ser melhor e menos cansativa. Ele viajou e gastou todo seu dinheiro que ganhou do seguro desemprego, e, quando ele voltou da viagem, não tinha nenhum centavo no bolso, e aí sem emprego não teve como sustentar a família dele.

- O que eu vou fazer? Sem emprego ou dinheiro para sustentar meus filhos e minha esposa?

Sem o que fazer, ele foi procurar um emprego. Ele não achava nenhum emprego que agradasse, pois ele queria um emprego fácil em que ganhasse muito dinheiro. Procurou e procurou, mas nada de encontrar um trabalho que agradasse.

Percebeu que, para ter um trabalho dos seus sonhos, tinha que trabalhar demais. Ele de novo foi em busca de um emprego, mas, dessa vez, logo no primeiro trabalho que ele entregou o currículo, já foi aceito na empresa.

Ele não reclamou de nada, mas esteve atento a seus direitos. Trabalhou com amor e dedicação ao seu novo emprego!

Hoje esse cara tem tudo o que ele queria ter em toda a sua vida: um salário adequado para se sustentar, e um trabalho que ele sempre queria ter. E também hoje ele sabe que, sem o trabalho dele, não teria nada do que tem hoje.

Suellen e Vitória

O trabalhador esforçado

Um trabalhador sempre se esforçava, sempre fazia seu trabalho do melhor jeito possível, mas nunca era chamado para reuniões importantes, confraternizações da firma. Era apenas um pobre trabalhador, pai de família não valorizado pela sociedade.

Um dia, enquanto assistia TV, viu uma notícia de que o país passaria pela pior crise em dez anos. Então, pela manhã em seu trabalho, estava na sala do seu chefe e contou toda sua situação financeira. Depois de uma longa expectativa, o ouviu dizer que não poderia fazer nada por ele.

Sem desanimar, o trabalhador, que era sindicalizado, continuou trabalhando e estudando para melhorar seu desempenho e assim poder arrumar outro trabalho e passar pela crise sem muitas preocupações.

Assim aconteceu. Hoje ele trabalha com o que gosta: é engenheiro civil do projeto "Minha casa, minha vida". Seu nome é Roberto.

Carlos e Gabriel.

6.4.2 Segunda etapa de atividades

Duração: 3 aulas

1) Produção, publicação e lançamento do e-book nos endereços eletrônicos:

- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-i.html>
- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-ii.html>
- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-iii-fdci4if5z.html>
- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/novo-ebook-v4.html>

2) Publicação do e-book também no *site* do sindicato e no blog da escola respectivamente:

- www.sindmonmetal.com.br
- <http://cejm39.blogspot.com.br>

7. CONCLUSÕES

Para melhor subsidiar nossas conclusões, começaremos por retomar o início da proposição deste projeto feita à equipe pedagógica do CEJM. Muito embora todos reconhecessem a importância de ensinar o gênero crônica por meio da informática, acreditavam que o tema “A relação de trabalho: trabalhador-empregador”, escolhido para tal fim, seria árido, pouco atraente, para os alunos da turma 711, tendo em vista a faixa etária deles.

Contudo, a realidade mostrou-se diferente desta conjectura. Acreditamos que o fato de os alunos terem sido inteirados de todo o processo, que os envolveu desde o início do projeto, também tenha concorrido para que manifestassem interesse e participação durante a aplicação deste.

Outro fator relevante que os motivou desde o início foi a perspectiva da leitura e produção dos textos no laboratório de informática. Realmente, pudemos novamente constatar o que já supúnhamos que iria acontecer: os alunos se empolgaram com os computadores, inicialmente, de forma eufórica. Depois de muito diálogo e racionalização sobre o tempo de que dispúnhamos para realizar tantas atividades, os alunos acalmaram-se um pouco mais, dando-nos condições de seguirmos com o projeto.

Da mesma forma, as entrevistas, a visita ao sindicato, a interdisciplinaridade e a intertextualidade com o site do sindicato dos metalúrgicos concorreram para um maior envolvimento dos alunos não só na leitura das crônicas analisadas e outras que se interessaram em ler, como na produção textual tanto das crônicas quanto de outros gêneros textuais. Os alunos se impressionaram quando souberam da matéria do sindicato dos metalúrgicos sobre nossa visita, publicada no *site* da Confederação Nacional dos Metalúrgicos: <http://www.cnmcut.org.br/conteudo/projeto-de-mestrado-reune-sindicalistas-e-adolescentes-para-conversa-sobre-trabalho>

A intertextualidade também se fez presente de forma espontânea. Como exemplo, citamos quando os próprios alunos, através de suas pesquisas, propuseram a leitura e análise da canção “Construção” de Chico Buarque: “Professora, tudo isto que a música diz tem muito a ver com a crônica de Vinicius de Moraes, não tem?”.

Acreditamos que também houve a compreensão, por parte dos alunos, de que a escrita é um processo que requer idas e vindas a fim de se consolidar enquanto exercício de aprimoramento constante e de maior reconhecimento de si mesmos.

A equipe pedagógica constatou também que o projeto atingiu seus objetivos e nos solicitou que continuássemos nossa proposta de trabalho dentro dessa perspectiva de ensinar os gêneros textuais por meio da informática, abordando outros temas, inclusive os demais temas transversais previstos pelos PCNs. Como sugestão, indicaram o tema transversal “Meio Ambiente”, especificamente o conteúdo “Água” para dar prosseguimento à metodologia proposta neste projeto.

O encadeamento do projeto nos propiciou uma maior interação com os alunos, principalmente quando perceberam que o que enfatizávamos como mais importante ao longo do desenvolvimento de nosso projeto era a compreensão que tinham obtido sobre o tema em estudo, expressa nas atividades de leitura como nas atividades de produção de textos. Ou seja, muito embora houvesse as correções gramaticais orais realizadas com todas as duplas e soubéssemos da importância do ensino de alguns apontamentos da gramática, nosso objetivo neste projeto era o ensino do gênero textual crônica, o entendimento do tema proposto e a produção textual tanto de crônicas quanto de outros gêneros textuais, sempre desejosos de saber o que os alunos tinham a dizer a respeito do tema proposto. Um outro projeto que já estamos propondo à equipe pedagógica de nossa escola é o ensino do gênero notícia e a produção de crônicas e outros gêneros textuais a partir das notícias.

Não temos dúvida de que os textos dos alunos manifestaram, em grande parte, fragilidades do ponto de vista de sua construção: imagens e comparações óbvias, pensamentos e sequências lineares de ação e outros. Mas estimularam os alunos a compreender e escrever sobre o mundo do trabalho, que agora aparece sob outra roupagem para os alunos.

Percebemos que os alunos sentem-se mais seguros quando criamos oportunidades para que manifestem o que sabem, a partir do que já sabiam e do que aprenderam, sem que teorias gramaticais e literárias ocupem o centro das atenções em detrimento de assuntos tão importantes que digam respeito

diretamente à vida deles, como é o caso do tema proposto. Sabemos que mais importante que aprender a reconhecer ou classificar os gêneros é fazer com que os alunos saibam usar os gêneros, tenham o que dizer. Geraldi (1991) nos alerta sobre práticas de produção de textos superficiais e danosas aos alunos que apenas desejam saber se eles aprenderam o que foi ensinado e não o que têm a dizer. Segundo este autor, o que dizer deve ser o centro do currículo, sem deixar de considerar as situações de produção dadas.

A linguagem da crônica é simples. O período curto e a ordem direta também são características suas. Esta acessibilidade promove uma proximidade que consideramos ter sido fundamental para atrair os alunos, inicialmente. A crônica tem um vínculo com a realidade circundante, aproximando-nos dela. A apresentação dos fatos narrados e os respectivos comentários dão-lhe um tom de informalidade que também nos aproxima dela. Os alunos mantiveram o interesse em continuar lendo crônicas na escola e fora dela, quando na biblioteca as escolhiam nos livros que levaram para casa.

Acreditamos também que a ênfase dada ao tema em questão por meio das atividades de leitura das crônicas e das produções textuais tenha propiciado tal fim, assim como o acesso à literatura. Concordamos com Antônio Cândido, que nos diz que o aluno tem direito à literatura em função de seu caráter formativo e humanizador por permitir a discussão de diferentes pontos de vista, comportamentos, sonhos, possibilidade de conhecimento de si e do outro.

Neste projeto, os alunos, efetivamente, tornaram-se autores de seus textos. Acreditamos que tenhamos contribuído para ampliar as competências para o exercício fluente de leitura, escrita, fala e escuta dos alunos da turma 711; sua competência comunicativa e discursiva. Lembrando-nos de Paulo Freire, acreditamos que também tenhamos concorrido para a formação cidadã dos alunos na medida em que conheceram mais a realidade da cidade onde vivem, assim como do país e do mundo. Ainda citando Freire, vemos que a estrutura desumanizante foi parcialmente denunciada. O estudo das crônicas abriu caminho para conhecimento da realidade local, nacional e mundial.

Nossa hipótese inicial foi confirmada. Após a interação com o material jornalístico do *site* e com as crônicas analisadas, nossos alunos foram capazes de escrever crônicas e outros gêneros textuais anteriormente aprendidos. Eles

perceberam a função social de seus textos. Sua ação de linguagem realizada com o texto fê-los perceber relações entre linguagem e classes sociais. Os textos dos alunos também nos mostram que eles perceberam desigualdades sociais e econômicas presentes em um país ainda tão desigual. O significado do que pretendiam comunicar foi sustentado pelo texto. Concomitantemente, presenciamos o empenho do sindicato no entendimento de que a educação deve permear toda a sociedade e não apenas as intuições de ensino, suas parceiras.

O propósito comunicativo esteve presente nas produções textuais. Os alunos foram capazes de analisar usos da língua enquanto instrumento de divulgação de valores ou de preconceitos de classe, gênero e etnia. Aprenderam sobre a organização do trabalho e do consumo. Compreenderam parte da complexa rede de direitos e valores a eles vinculados. Por tudo isto, percebemos que talvez tenhamos contribuído, pelo menos um pouco, para uma maior atitude crítica dos alunos perante o mundo e a si mesmos, o que também demonstraram ao longo de nossas proveitosas conversas.

Dessa forma, a ligação linguagem e ideologia foi efetivada, muito embora todas estas potencialidades precisem ser mais exploradas em outros projetos de leitura e produção de gêneros textuais. Não podemos desconhecer, por exemplo, a relevância da oralidade também trabalhada neste projeto, através das notícias transmitidas pelos alunos e nas respostas às atividades de leitura.

As correções e as reescritas possibilitaram a interação, o sentido e a comunicação, privilegiando um exercício nesta prática social em que o coautor esteve presente o tempo todo nesta proposta de escrita colaborativa em duplas. Sempre que possível, lembrávamos os alunos dos prováveis interlocutores virtuais de nosso e-book. Este foi lançado no Sindicato dos Metalúrgicos, no dia 23/06:

- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-i.html>
- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-ii.html>
- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/o-trabalho-nosso-de-cada-dia-volume-iii-fdci4if5z.html>

- <http://www.flipsnack.com/Dulcineia/novo-ebook-v4.html>



**Figura 7 - Lançamento do e-book no Sindicato dos Metalúrgicos, em 23/06/15.
Fonte: própria autora**



**Figura 8 - Professora e alunos no dia do lançamento do e-book.
Fonte: própria autora**

No CEJM, o lançamento ocorreu no blog da escola:
<http://cejm.39.blogspot.com.br/>.



Figura 9 - Lançamento do e-book feito no CEJM.
Fonte: própria autora



Figura 10 - Matéria jornalística publicada no jornal regional “A Notícia”, em 24/07/2015.

Para ambos os eventos a comunidade escolar foi convidada, e foi com muita alegria que presenciamos a empolgação dos alunos/autores em mostrar os seus trabalhos aos presentes: “Este aqui é o meu texto!”.

Tudo Isto nos faz supor que os alunos continuarão o que aqui iniciaram, em outras práticas desenvolvidas em outros tantos projetos que estabelecerão com a escola e a comunidade escolar, como sujeitos que também constroem, junto a toda equipe escolar, a sua proposta político-pedagógica. Esta precisa também contemplar o debate sobre o uso ético das TICs. No contexto de tantas transformações, a escola está sendo defrontada com novos desafios, fazendo-se necessário convocar seus responsáveis a revisar formas de atuação bem como a assumir o fomento de novas competências.

É preciso ensinar a tratar a informação, a avaliar sua procedência e fidedignidade, a lê-la com criticidade e aproveitar a interação que as novas mídias nos possibilitam, transformando-as em objeto de reflexão.

Os PCNs de língua portuguesa, tanto do ensino fundamental como do ensino médio, sugerem que toda a diversidade de gêneros seja ensinado nas escolas visando desenvolver habilidades de leitura e competências discursivas para uma ampliação da capacidade dos alunos enquanto leitores e produtores/autores de seus textos, diante das mais distintas solicitações enunciativas.

Segundo Bianchetti (2001, p. 222) “A instituição formal de ensino, junto com as outras instituições da sociedade, é desafiada a envolver-se com a educação permanente”. O aprendizado vitalício, o “aprender a aprender” também no campo atitudinal, além dos conteúdos transmitidos e construídos, devem ser a tônica da formação do aluno para uma atuação cidadã. A começar agora e na sua preparação para atuação no mercado de trabalho ainda tão competitivo quanto excludente.

Finalizo transcrevendo aqui, literalmente, depoimentos dos alunos sobre o desenvolvimento de nosso projeto:

“Pra mim foi uma honra que a professora Dulcinéia tenha escolhido a minha turma para fazer um e-book, porque nós aprendemos muitas coisas, como por exemplo fazer crônicas e olhar direito se você salvou ou não seu texto no computador. Gostei de ter ido ao sindicato dos metalúrgicos e ter insistido conosco, sem desanimar.” Pedro Arthur.

“Foi muito bom escrever um livro virtual na sala de informática com meus amigos, fazer um texto sobre trabalho, ouvir opiniões e informações sobre trabalho.” Emanuelle Cristina.

“Me diverti muito com o nosso projeto. Gostei de escrever crônicas e de tirar fotografias no sindicato dos metalúrgicos.” Alan Mendes.

“Gostei muito de ajudar a fazer nosso e-book e dos lindos desenhos que fizemos, inclusive o da capa do livro que meu colega fez. Obrigada, professora, por nos ensinar a fazer crônicas.” Mariana.

“Adorei o projeto porque foi muito divertido aprender sobre trabalho e escrever com meu colega”. João Lucas.

“A professora Dulcinéia fala muito, mas é muito legal porque me fez mudar de atitude quando tive que prestar muita atenção no que todos falavam sobre o trabalho para poder fazer um texto bonito.” Daniel Vasconcelos.

“Eu aprendi como é bom escrever um texto. Te faz esquecer dos problemas, te ajuda a ficar mais feliz, a descobrir o poeta que tem dentro da gente.” Lucas Marcelo.

“O projeto foi bem produtivo: a professora nos ajudou a fazermos o e-book e a melhorar em português. Fomos também ao sindicato dos metalúrgicos. Obrigado, professora”. Gustavo Oliveira.

“Foi ótimo discutir sobre o tema “trabalho”, na forma de acabar com os preconceitos em algumas profissões e com algumas pessoas. Também foi muito bom conhecer a história de nossa cidade. A professora foi muito gentil em fazer o projeto conosco, pois será muito útil em nosso futuro.” Iane e Brenda.

“Com a ajuda da professora Dulcinéia, da coordenadora pedagógica, do professor de informática, professora de História e de Geografia, aprendi também como fazer um texto bonito.” Gabriel Pereira.

“A professora Dulcinéia nos ensinou a fazer crônicas, poemas e paródias. Eu gostei. Achei produtivo. Fiz textos sobre trabalho e a cada frase concluída eu gostava mais de escrever. Para montar o e-book, precisamos vir à escola também fora do horário de trabalho da professora. O professor de informática também ajudou muito. Obrigado por nos ensinar fazer textos bem feitos. Para o

segundo semestre espero novos projetos e, se possível, com a participação da professora Dulcinéia, pois, pelo que vi, tem vocação para isso.” Luiz Henrique.

“Para mim o projeto acabou de começar porque, com certeza, vai haver outras oportunidades de aprender a escrever textos. Foi legal saber que eu tenho criatividade de escrever histórias com os meus colegas. Espero poder continuar a mostrar minha imaginação. O e-book oi o começo para eu apresentar o meu melhor. Obrigada, professora, por nos ajudar a ser grandes.” Analice.

“Aprendi muitas coisas sobre trabalho, mas achei muito legal saber que nenhum trabalho é mais importante do que o outro. Todos têm uma certa importância para a sociedade e devemos respeitar isso, independentemente da cor, da idade, do sexo ou da classe social do trabalhador. Também aprendi sobre a importância do sindicato para garantir os direitos de todos os trabalhadores.” Dayane Luiza.

“Ajudar a fazer o e-book para mim foi muito importante porque a professora Dulcinéia ajudou toda a turma 711 a fazer crônicas, poesias e também paródias. Ela consegue tirar de mim o que eu achava que não tinha. É a melhor professora de português do mundo. Antes eu não prestava atenção na aula dela, conversava sem parar, depois melhorei e minha nota aumentou. Este ano eu li mais de vinte e cinco livros graças a ela”. Luidy

“A professora Dulcinéia nos deu inspiração para escrevermos. Valter, o professor de informática, as professoras de História, de Geografia e a coordenação pedagógica também nos ajudaram muito.” Gabrielle.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. *Análise de textos fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Aula de português - encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso - por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. M., VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. M. Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Tradução (do francês) por PEREIRA, M.E.G, 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARRETO, A.H. Lima. *Artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores*. Org.: FARIA, A.A.M.; PINTO, R.G., et al. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BIANCHETTI, Lucídio. *Da chave de fenda ao laptop - Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação*. Rio de Janeiro. Vozes. 2001.

BRAGA, Rubem. "Luto da família Silva". In: *Para gostar de ler*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

_____. "O padeiro". In: *Para gostar de ler*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, A. et al. *A crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; 1992.

BRAGA, D. B. "Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica." In: *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro. Singular. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 144 p. 2000. Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf. Acesso em 29 out. 2014.

CÂNDIDO, A. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, I. S. *Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F. II*. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2009, 263 fl.

- COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte, 2005.
- COSCARELLI, C. *Fundamentos da leitura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. (Coleção Proleitura; v.4).
- COUTINHO, A. "Ensaio e crônica". In: COUTINHO, A. (direção); COUTINHO, E. F. (codireção). *A literatura no Brasil*. 7ª ed. rev. e atual. São Paulo: 2004.
- _____. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Apud. COELHO, I. S. *Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F. II*. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2009.
- DELL'LSOLA, Regina L. P. *Aula de Português: parâmetros e perspectivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013 (Coleção Proleitura; v.6).
- FÁVERO, L. L. A crônica de Lima Barreto e seu vínculo com a história. Rio de Janeiro; Elsevier, 2011. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*
- FIORIN, J. L.. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.
- Teoria dos signos. In. FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Conscientização*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo, Paz e Terra, 2007.
- FREITAS, M.T. de A. (org.). *Educação, arte e vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.
- GERALDI, João W. *Portos de passagem..* São Paulo,: Martins Fontes, 1991.
- GOMES, L. F. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- .KLEIMAN, A. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____, I. G. V. ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KONDER, L. *A construção da proposta pedagógica do SESC Rio*. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.
- _____. *A poesia de Brecht e a história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LEMKE, J. L. "Social semiotics: A new model for literacy education". In: Bloom, D. (ed.). *Classrooms and literacy*. Norwood, NJ: Ablex Publishing, p. 289-309 1989.
- MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade". In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARINHO, J. H. C.; DACONTI, G.C.; CUNHA, G. X. *O texto e sua tipologia: fundamentos e aplicações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. (Coleção Proleitura; v. 5).
- MARQUES, C. ; P.C.MATTOS, M.I. L ; TAILLE, I. de La. *Computador e ensino - uma aplicação à língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1986.
- MEC-MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO e do ESPORTE. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1998.
- MORAES, V. de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Tradução C. Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RODRIGUES, T. I. *Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária*. Dissertação de Mestrado em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP. Assis, 2012. 120 fl.
- ROJO, R. "Letramento e capacidades de leitura para a cidadania". Texto apresentado em congresso realizado em maio de 2004. São Paulo: CENP, 2004.
- SAVIOLI, F.P.; FIORIN, J.L. *Lições de Texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SNYDER, I. "Ame-o ou deixe-o: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais". In: *Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*.

ARAÚJO, J. C; DIEB, M. (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Cidade, 2003.

_____. *Letramento - um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1993.

TIRIBA, L.; I. Picanço (org.). *Trabalho e educação: arquitetos,abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.